

**UNIVERSIDADE DE SANTO AMARO
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
HABILITAÇÃO EM JORNALISMO**

PERIFERIA EM MOVIMENTO

**ALINE RODRIGUES DA SILVA
SUELI DOS REIS CARNEIRO
THIAGO DE SOUZA BORGES**

SÃO PAULO

2009

**ALINE RODRIGUES DA SILVA
SUELI DOS REIS CARNEIRO
THIAGO DE SOUZA BORGES**

PERIFERIA EM MOVIMENTO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para
obtenção do título de Bacharel em Comunicação
Social com habilitação em Jornalismo da
Universidade de Santo Amaro, sob a orientação da
Prof. Deise Roza Oliveira

**São Paulo
2009**

ALINE RODRIGUES DA SILVA
SUELI DOS REIS CARNEIRO
THIAGO DE SOUZA BORGES

PERIFERIA EM MOVIMENTO

DOCUMENTÁRIO A RESPEITO DE MOVIMENTOS SOCIAIS NA PERIFERIA E
SEUS EFEITOS SOBRE A POPULAÇÃO

UNIVERSIDADE DE SANTO AMARO
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
JORNALISMO

BANCA EXAMINADORA

Professor orientador: Deise Roza Oliveira
Universidade de Santo Amaro

DATA DE APROVAÇÃO: São Paulo, de de 2009.

CONCEITO FINAL: _____

Dedicamos este trabalho a todos aqueles que acreditam na periferia e que não consideram o fato de morar lá um empecilho para crescer e vencer. Pelo contrário. enxergam nisso uma possibilidade para crescer, uma alternativa para criar, uma chance de mostrar sua real identidade.

Diante dessas oportunidades, lutam para desmitificar a imagem equivocada que se tem da periferia e tentam estimular seus convivas.

Ou como se diz na “quebrada”: “É nós!”.

AGRADECIMENTOS

Thiago de Souza Borges

Foram dezoito meses de labuta para chegar ao produto final. Perdi horas de sono, churrascos, almoços, baladas e o principal: momentos com familiares e amigos. Um agradecimento especial a todos vocês, que tiveram paciência de me aturar todo esse tempo falando sobre o mesmo assunto no pouco tempo livre restante e ainda assim acreditaram, me apoiaram e agora prestigiam a mim e a minhas companheiras de trabalho. A honra é toda nossa.

Obrigado aos que cruzaram meu caminho nessa vida e que de alguma forma influenciaram neste trabalho. Obrigado também aos colegas e mestres, com quem aprendi um pouco sobre o que é ser jornalista e, principalmente, como ser mais humano.

“Obrigado” (com aspas, mesmo) aos mandantes deste País, que por séculos deixaram os mais necessitados à margem da sociedade e graças a isso eles puderam mostrar a força de vontade do verdadeiro povo brasileiro.

O trabalho que segue é fruto de muito esforço e, principalmente, fé no potencial de transformação que tem o Jornalismo. Espero que gostem. Muitos outros virão, se Deus quiser!

Aline Rodrigues da Silva

Sou grata pela energia divina que sempre guiou a mim e meus amigos e colegas de TCC em todo o processo criativo deste projeto e em todas as escolhas fáceis e difíceis que fizemos ao longo desse trabalho. Agradeço a esses colegas pela real parceria que estabelecemos com um ambiente de respeito, humildade, liberdade de expressão e trabalho em equipe. Reconheço a contribuição também dos professores que fizeram parte da minha evolução como pessoa e como profissional da imprensa ao longo desses quatro anos de intenso aprendizado e abriram minha mente para outras realidades.

Ao meu pai, minha irmã e noivo dedico minha gratidão pela cumplicidade, amizade, amor, paciência e força que sempre me deram em todas as minhas escolhas. À minha mãe, que apesar de já fisicamente ausente há muito tempo, continua presente em pensamento me direcionando e me dando base e inspiração para seguir meu caminho.

E enfim, obrigada a todos os familiares e amigos que mesmo descobrindo que apesar de ser jornalista eu não sei tudo e que talvez eu não apareça na televisão, continuaram me apoiando na profissão que escolhi.

Sueli dos Reis Carneiro

Agradeço à Aline Rodrigues e a Thiago Borges por terem sido meus fiéis companheiros nesta longa jornada, não só neste trabalho, mas durante os quatro anos de curso em que aprendemos e convivemos juntos. À professora Deise por aceitar ser nossa orientadora neste projeto. A todos os professores que direta ou indiretamente contribuíram de alguma forma para o desenvolvimento e conclusão deste trabalho. A Rodrigo Queiroz e Fábio Luiz pela edição de nosso documentário.

Agradeço a meu pai, Renato Manoel Carneiro, pela educação que me deu e por nunca me deixar assistir novelas quando criança, só deixava eu e meus irmãos vermos os telejornais, o que fez nascer em mim a paixão pelo Jornalismo. Agradeço à minha mãe, Maria do Reis Silva Carneiro (Dona Regina) por sempre me acompanhar na ida e volta à escola, desde o primário ao colegial, e comemorar comigo a conquista de uma vaga na universidade. Aos meus quatro irmãos, Thais, Cida, Renata e André (Dél), que sempre me apoiaram e aos novos pequenos membros da família, Lucas e Rafaela, consolo nas horas de cansaço. Agradeço a Ivan Barbosa, meu namorado, pelo companheirismo, compreensão e pela tolerância à minha ausência. Agradeço aos amigos, os de longe e os de perto, os novos e os veteranos pela preciosa amizade que sempre me sustentou. Agradeço às pessoas que moram no Grajaú e que fazem dele o lugar onde gosto de morar.

Agradeço a Deus por permitir que as coisas fossem assim conduzidas.

“Não é mais o centro que inclui a periferia.
A periferia agora inclui o centro. E o centro,
excluído da festa, se transforma na periferia da
periferia.”

Hermano Vianna

RESUMO

Este projeto pretende abordar as mobilizações sociais nas periferias de grandes cidades brasileiras mediante produção de documentários. Cada edição visa mostrar, por meio da captação de cenas cotidianas das periferias, as ações sociais desenvolvidas nessas comunidades que têm como objetivo melhorar sua qualidade de vida. O primeiro documentário retrata o Evento pela Paz no Grajaú, em São Paulo, e procura apresentar os efeitos desse movimento na realidade local dos moradores do bairro e em seus organizadores, que enxergam na iniciativa uma forma de amenizar os fatos negativos de seu cotidiano.

Palavras-chave: Documentário, Periferia, Movimento Social, Inclusão.

ABSTRACT

This project intends to discuss the social movements in the suburbs of Brazilian big cities by producing documentaries. Each edition aims to show, by means of everyday life scenes, the social actions developed in these communities of which objective is to improve their quality life. The first documentary portrays the Evento pela Paz no Grajaú, in São Paulo city, and attempts to introduce the effects of this movement in the reality of residents who live in this place and in their organizers, who see the initiative as a way to minimize the negative facts of daily life.

Key words: Documentary, Suburbs, Social Movements, Inclusion.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	A PERIFERIA: SEUS ANSEIOS, AÇÕES E REAÇÕES	15
2.1	[Des] Organização social	15
2.2	À míngua do centro	16
2.2.1	A população periférica	17
2.2.2	O jovem de periferia	17
2.3	Movimentos necessários	18
2.3.1	Fomento para cidadania	20
2.4	A periferia se exhibe	21
3	CULTURA DE PAZ E NÃO VIOLÊNCIA	23
3.1	Grau extremo da conduta agressiva	23
3.2	Equação da violência	25
3.3	Paz, uma possibilidade real	26
3.4	Violência em queda	28
4	NOS EXTREMOS DO GRAJAÚ	30
4.1	Consequência do caos	30
4.2	Uma cidade dentro da cidade de São Paulo	34
4.3	O papel do terceiro setor no Grajaú	38
4.4	Em movimento pela paz	39
4.5	O irmão Jardim Ângela	40
4.5.1	O mais violento do mundo	41
4.5.2	Lutas semelhantes	42
5	DA PERIFERIA E PARA A PERIFERIA	43
5.1	Manchetes estereotipadas	43
5.2	Um recorte audiovisual da realidade	44
5.2.1	Mundo reconhecível – e sob debate	46
5.3	Roteiro: Grajaú na construção da paz	47
5.3.1	Passo a Passo	49
5.4	Extensão Virtual	50

5.5	Orçamento	53
5.6	Distribuição do documentário	54
5.7	Pesquisa de mercado	54
5.7.1	Modelo de formulário	56
5.7.1.1	Tabulação	57
5.7.1.2	Resultados Analíticos – Gráficos.....	58
6	METODOLOGIA	62
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	64
8	CRONOGRAMA	66
8.1	Cronograma 2008	66
8.2	Cronograma 2009	67
9	REFERÊNCIAS	68
9.1	Bibliografias	68
9.2	Trabalhos de conclusão de curso (monografias)	69
9.3	Monografia em meio eletrônico	70
9.4	Periódicos	70
9.5	Entidades coletivas em meio eletrônico (órgãos do governo, empresas, associações etc.).....	71
9.6	Artigo em meio eletrônico	72
9.7	Artigo de jornal	73
9.8	Artigo de jornal em meio eletrônico	73
9.9	Documentos sonoros: CD.....	74
10	ANEXOS	75
10.1	Roteiro do documentário Grajaú na construção da paz	75
10.2	Modelo de autorização de uso de imagem Padrão Unisa	76

1 INTRODUÇÃO

Quem vive longe dos centros urbanos, nas denominadas periferias, assiste às evoluções de quem integra os níveis superiores da pirâmide social brasileira e limita-se à adequação das regras impostas por esse universo dominante. É o que afirma Ribeiro (1995) que define os moradores de periferia como população marginal, os protagonistas deste trabalho.

Não se pode ignorar a ascensão representativa das comunidades periféricas no Brasil. Ainda segundo Ribeiro (1995), esses lugares surgiram a partir do desenvolvimento urbano não-planejado, resultando em miséria, violência e exclusão social, sem infraestrutura básica necessária para seus habitantes.

Um levantamento realizado pela Folha de S.Paulo, com base nos dados do Sistema Estadual de Análise de Dados (Fundação Seade) e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), aponta que os bairros do centro expandido da capital paulista perderam 441 mil moradores no período entre 1996 e 2007. No mesmo intervalo, bairros da extrema periferia, como o Grajaú, ganharam 1,23 milhão de novos habitantes.

Os dados demonstram que o crescimento populacional das periferias deve elevar ainda mais os índices negativos que lhe são atribuídos. Porém, como nota Vianna (2006), as periferias se estruturaram nos últimos anos por meio de movimentos sociais e culturais, gerando uma reação de baixo para cima, sem que o centro percebesse.

Já na década de 70 se notava o aumento desse contingente, as condições em que sobreviviam e a resposta que davam à sociedade, como apresentado por Moisés e Martinez-Alier:

A crescente preocupação demonstrada pelas autoridades talvez se tenha devido menos ao fato de que as revoltas assumissem qualquer caráter insurrecional ou de um perigo imediato à ordem pública em geral, e mais à circunstância de que sua continuidade parecia indicar que algo de novo estava ocorrendo entre as massas populares urbanas que, agora, ofereciam uma reação qualitativamente nova diante de suas difíceis condições de existência material (MOISÉS, MARTINEZ-ALIER, 1985, p.17).

A reação citada pelo autor parte em geral de Organizações Não Governamentais (ONGs), voluntários, igrejas, empresários e de outros membros da população dessas regiões para conscientização coletiva local e eventual modificação da realidade em que estão inseridos.

Tais ações são protagonizadas por pessoas que se tornam agentes de transformação social por meio de manifestações culturais, esportivas, educativas, de lazer, políticas, econômicas e de combate à violência.

Como moradores de periferia, em toda nossa história vimos esses locais retratados como cenários onde predominam os tiroteios, o tráfico de drogas e os assassinatos. Em geral, são ambientes em que não há espaço para cultura, lazer, educação ou esporte.

A imprensa é responsável pela criação da imagem que se tem das favelas e periferias, de um espaço exclusivo da violência (PAIVA, RAMOS, 2007). Um de nossos objetivos, como futuros jornalistas, é dar outra visão ao assunto mostrando como as periferias emergem dessa condição de celeiro da violência para se apresentar como um ambiente vivo e pulsante.

Durante quase quatro anos de estudo, ouvimos de nossos mestres ou lemos em obras acadêmicas que o jornalista deve estar atento ao que acontece na sociedade ao seu redor e reportar ao público sempre com objetividade e independência. “A primeira lealdade dos jornalistas é para com os cidadãos” (KOVACH, ROSENSTIEL, 2001, p. 83): essa é sua função social.

E, como futuros profissionais da informação, temos o papel de gerar um ambiente propício para debates sobre a questão, com participação de toda a sociedade, desde quem vive ou não nessas áreas às autoridades públicas, a partir do retrato dessa realidade.

A curiosidade natural do ser humano significa que ao informar sobre eventos programados, denunciar práticas incorretas ou revelar uma tendência em desenvolvimento, o Jornalismo faz as pessoas pensarem. À medida que o público começa a reagir a essas aberturas, a comunidade se nutre de vozes públicas. É esse processo que recria, todos os dias, nas sociedades modernas, os antigos fóruns nos quais as primeiras democracias do mundo se formaram (KOVACH, ROSENSTIEL, 2001, p. 206-207).

A partir desse trabalho pretende-se ampliar o debate sobre o tema e que novos movimentos, sejam eles de origem civil ou por meio de políticas públicas, possam surgir para ajudar nas transformações que já estão em curso nesses locais.

Portanto, outros documentários deverão surgir a partir deste projeto sobre movimentos em distritos como Jardim Ângela e Capão Redondo, por exemplo, com o propósito de discutir se a mobilização de uma parcela da comunidade contribui para o redesenho de sua realidade, constatar se essa mudança influencia os moradores individualmente, no seu cotidiano, e divulgar atividades desenvolvidas em diferentes periferias.

Especificamente, pretende-se apresentar parte da identidade das periferias por meio de suas ações sociais com depoimentos dos moradores e verificação do trabalho de entidades, instituições, suas estruturas, bem como seus responsáveis e, com isso, estimular a revisão de conceito de outros grupos sociais sobre as periferias, abordando o assunto de forma diferente do recorte da realidade feito pela imprensa contemporânea.

Os documentários abordarão a proposta dessas organizações, se essas ações são contribuições decisivas para uma mudança efetiva e de que forma isso se consolida.

O primeiro documentário produzido apresenta o Evento¹ pela Paz no Grajaú, uma ação iniciada no ano 2000 por moradores, principalmente a população jovem do distrito localizado na Zona Sul da cidade de São Paulo. O movimento tem como finalidade sensibilizar os moradores da região para o compromisso com a Cultura de Paz e Não-Violência.

O Evento também preza pela liderança juvenil, uma vez que são eles que idealizam e decidem os diversos processos do movimento; a reconquista de espaços públicos como ruas, praças e calçadas, fazendo deles lugares de encontro e não de medo; o contato com a diversidade cultural, política e religiosa e a celebração da caminhada de ONGs que atuam na região e desenvolvem programas de cidadania, prevenção, desenvolvimento cultural, intelectual e de lazer.

¹ Ao longo deste relatório técnico a palavra Evento, com caixa alta e baixa, refere-se à ação social Evento pela Paz no Grajaú. Quando a palavra evento estiver grafada com caixa baixa, a referência então será de qualquer outro fato ou acontecimento.

2 A PERIFERIA: SEUS ANSEIOS, AÇÕES E REAÇÕES

O presente trabalho pretende mostrar quem é o morador de periferia, suas concepções e acepções, seus anseios e de que forma ele contribui para sua melhor qualidade de vida e como o ambiente influi em seu cotidiano. Como se organizam para suprir suas necessidades não apenas básicas, como se alimentar, se vestir, trabalhar e descansar, mas as de lazer, “diversão e balé”, no sentido que traz a música do grupo Titãs na canção Comida².

A maneira como esse cidadão, o morador da periferia, vive sem o devido auxílio do Estado e reage a essa situação é o que esse projeto procura explicar nos tópicos seguintes.

2.1 [Des] Organização social

A organização social brasileira nasceu como uma civilização urbana, segundo sua história, formação e organização descrita por Ribeiro (1995).

De acordo com o autor, o povo brasileiro viveu um processo de expulsão da população do campo, o que resultou no crescimento desorganizado dos centros urbanos.

A população urbana salta de 12,8 milhões, em 1940, para 80,5 milhões em 1980. (...) Vivemos um dos mais violentos êxodos rurais, tanto mais grave porque nenhuma cidade brasileira estava em condições de receber esse contingente espantoso de população. Sua consequência foi a miserabilização da população urbana e uma pressão enorme na competição por empregos (RIBEIRO, 1995, p. 198).

² TITÃS, Acústico MTV. (Paulo Miklos). **Comida**. Rio de Janeiro: MTV Warner Chappell, 1997, 1 CD. (71 min.).

Ainda, segundo ele, é desse crescimento populacional desenfreado que o Brasil consolida um importante formato na vida urbana, inaugurando um novo modo de ser das metrópoles.

Dentro delas geram-se pressões tremendas, porque a população deixada ao abandono mantém sua cultura arcaica, mas muito integrada e criativa. Dificulta, porém, uma verdadeira modernização, porque nenhum governo se ocupa efetivamente da educação popular e da sanidade (RIBEIRO, 1995, p. 200).

2.2 À míngua do centro

Pallone (2005) aponta que os espaços geográficos de uma cidade destinados às atividades econômicas são, geralmente, denominados centros. Esse conceito vem desde a Guerra Fria, que destacava os países com maior poder financeiro e militar e os considerava centro.

Ao contrário, as regiões onde se identificavam a escassez de riqueza, a falta de infraestrutura e o precário acesso à educação eram e são denominadas, até hoje, periferias. Para Pallone (2005) essas denominações contribuem para a “perpetuação das desigualdades sociais e econômicas”.

No contexto brasileiro, a palavra periferia é algo típico do processo de metropolização dos anos 1960-70. O termo tem sido usado para designar loteamentos clandestinos, ou favelas localizadas em áreas mais centrais, onde vive uma população de baixa renda (PALLONE, 2005).

A autora ainda destaca outra forma de se referir às áreas onde não se têm recursos adequados para o desenvolvimento humano ao citar a palavra subúrbio que, de acordo com ela, é usada incorretamente no Rio de Janeiro.

“Etimologicamente, significa o espaço que cerca uma cidade” (PALLONE, 2005) e que tem como característica o baixo índice de povoamento dessas áreas que abrigam “pequenas propriedades agrícolas, condomínios de luxo, estádios, parques” entre outras estruturas que precisam de espaço para se estabelecer. O crescimento das cidades descaracterizou esses locais e os tornaram regiões de moradores de baixa renda, porém o termo foi erroneamente mantido.

2.2.1 A população periférica

Os moradores de periferias estão classificados dentro da tipologia das classes sociais como “a grande massa das classes oprimidas, dos chamados marginais, principalmente negros e mulatos” (RIBEIRO, 1995, p. 209). São por ele denominados subalternos do bolsão da aristocracia, da elite política e sindical, dos donos e empresários e da alta cúpula do Estado brasileiro.

Eles compõem a base da pirâmide socioeconômica, a mão-de-obra da parcela da população economicamente ativa. Seu papel na sociedade limita-se a seguir os desígnios das classes ditas dominantes, as que detêm o poder e a riqueza por meio da exploração econômica.

Mas como qualquer membro de um corpo complexo, como a sociedade brasileira, seu desempenho não é menos importante. Sua “luta terá de ser a de romper com a estrutura de classes. Desfazer a sociedade para refazê-la” (RIBEIRO, 1995, p. 209).

2.2.2. O jovem da periferia

Para falar de periferia é inevitável não falar também dos jovens que formam o maior grupo populacional desse ambiente. Como relatam Abramovay et al. (2002), a Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) e o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), apontam que dos vários problemas que desafiam as políticas de desenvolvimento social da América Latina, o que envolve a juventude é um dos mais importantes.

Isso por conta do aumento no contingente da população jovem de 15 a 25 anos, estimados em 102.357.048 habitantes em 2005 na região, segundo o Centro Latino-americano de Demografia (Celade).

O aumento da violência e da pobreza, que chegou a 35% dos domicílios no continente em 1998, de acordo com a Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal), somado às poucas oportunidades de trabalho, é fator determinante que afeta de forma brutal seus jovens e adolescentes.

Tais constatações vão contra a Constituição Brasileira, que traz no Artigo 227 a garantia do direito à vida e as demais condições para que os jovens tenham dignidade como cidadãos.

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão (BRASIL. Constituição, 1988, Art. 227).

A vulnerabilidade social é um conjunto de fatores que traduz características, recursos e habilidades de um grupo social que se revela insuficiente, inadequado ou difícil de lidar com as oportunidades que lhes são oferecidas.

Abramovay et al. (2002) observam que os recursos que o Estado e o mercado possuem são deficitários para superar tal quadro e suas consequências, em particular a violência. Por essa razão os autores sugerem o fortalecimento do capital social intergrupar com o aumento da participação e valorização das formas de organização e expressão juvenis como forma de ação para envolver a sociedade em busca de soluções para o problema.

A valorização das formas de expressão tipicamente juvenis, tais como o rap e o grafite, colabora para que, tanto os próprios jovens quanto o resto da sociedade, reconheçam esses atores como capazes de contribuir e construir soluções pacíficas para os conflitos sociais (ABRAMOVAY et al. 2002, p. 14-15).

2.3 Movimentos necessários

As possibilidades de expansão econômica e evolução na pirâmide social, proporcionadas pela Revolução Industrial no século XVIII na Inglaterra, chegaram no Brasil apenas no século seguinte. Nas cidades, criaram-se polos industriais e, por consequência, locais de destino de grupos migratórios à procura de trabalho.

Não foi só o governo. A sociedade brasileira em peso embriagou-se, desde os tempos da abolição e da república velha, com as idealizações sobre progresso e modernização. A salvação parecia estar nas cidades, onde o futuro já havia chegado. Então era só vir para elas e desfrutar de fantasias

como emprego pleno, assistência social providenciada pelo Estado, lazer, novas oportunidades para os filhos...Não aconteceu nada disso, é claro, aos poucos, os sonhos viraram pesadelos (SANTOS, 1986 apud MARICATO, 1995).

Segundo Santos (1986 apud MARICATO, 1995), as dificuldades cotidianas dessa grande massa trouxeram os novos moradores, até então, para a realidade. O Estado não tinha e não tem estrutura ideal para dar assistência a todos. Construções informais se estabeleceram em locais espremidos, sem privacidade e delimitação de onde termina uma residência e começa outra.

Aliados a essa falta de estrutura, há o problema da educação, que também não é acessível. Com isso, diminuem-se ainda mais as chances de se conquistar um emprego. O saneamento básico é luxo para poucos. O transporte é precário e, a pavimentação das ruas, improvisada.

Tem-se, com toda a dificuldade de sobrevivência e a disparidade no que diz respeito ao acesso ao trabalho e ao lazer, a sensação ou a certeza de se viver uma exclusão.

A exclusão social não é passível de mensuração, mas pode ser caracterizada por indicadores como a informalidade, a irregularidade, a ilegalidade, a pobreza, a baixa escolaridade, o oficioso, a raça, o sexo, a origem e, principalmente, a ausência da cidadania (MARICATO, 1995, p.30).

Um caminho encontrado pelas classes pobres para minimizar os efeitos da falta de assistência foi assumir o papel de protagonista da mudança. Movimentos sociais são criados para, ao unir forças de pessoas em uma mesma situação social, construir alternativas diante das dificuldades.

Os movimentos populares podem amadurecer novos níveis de consciência, focalizando, na própria reflexão e na própria prática, a dialética identidade-diferença. Esse pode ser o eixo sobre o qual gira a coesão interna e a solidariedade, a capacidade de distinção e de luta, ao lado da possibilidade de integração emancipatória com outros grupos sociais (FLEURI, 1999, p.1).

2.3.1 Fomento para cidadania

A cidadania, hoje, pode se resumir em duas vertentes (DAGNINO, 1994). Ela vem dos movimentos sociais, que lutam tanto pelo direito à igualdade quanto pelo direito à diferença. Em segundo lugar, tem papel decisivo na construção de uma sociedade mais democrática. A autora cita um terceiro elemento para a noção do termo.

Cidadania organiza uma estratégia de construção democrática, de transformação social, incorporando características da sociedade contemporânea, como o papel das subjetividades, a emergência de sujeitos sociais de novo tipo e de direitos de novo tipo, a ampliação do espaço da política, essa é uma estratégia que reconhece e enfatiza o caráter intrínseco e constitutivo da transformação cultural para a construção democrática (DAGNINO, 1994, p. 72).

Dagnino (1994) observa que no Brasil e na América Latina a sociedade está mergulhada na desigualdade econômica, com miséria e fome, o que reflete o que ela chama de autoritarismo social. Esse fenômeno se expressa por sistemas de classificação que estabelecem diferentes categorias de pessoas, dispostas cada uma nos seus devidos lugares sociais, como se fossem castas.

Tal autoritarismo origina uma cultura de exclusão e reproduz a desigualdade social em todos os níveis. Para que uma sociedade seja plenamente democrática, é necessária a eliminação desse autoritarismo, ampliando assim o entendimento sobre a democracia de um nível meramente formal (regime político democrático) para um conjunto de relações sociais (sociedade democrática).

Dagnino (1994) cita uma pesquisa realizada em 1993 em Campinas, São Paulo, com 51 pessoas com alguma experiência associativa, distribuídas em seis setores: sindicatos de trabalhadores, sindicatos de classes médias, movimentos sociais de tipo urbano, movimentos sociais de caráter mais amplo (de mulheres, de negros e ecológicos), associações de empresários e vereadores. O objetivo era identificar visões sobre a democracia e a ideia de direitos e cidadania na sociedade brasileira.

A pergunta foi: quais as primeiras e as segundas características mais fortes de um país democrático? Entre as opções de resposta: que existam vários partidos políticos; que todos tenham alimentação e moradia; que brancos, negros, homens,

mulheres, pobres e ricos, todos sejam tratados igualmente; que as pessoas possam participar de sindicatos e associações; que se possa criticar e protestar.

O resultado, para 60,8% dos entrevistados, foi que uma sociedade democrática de verdade é onde brancos, negros, homens, mulheres, pobres e ricos são tratados igualmente. Entre os movimentos sociais, 70% apontaram essa opção como a mais representativa de uma democracia.

Segundo Dagnino (1994) essa percepção é mais forte entre os movimentos sociais porque sua experiência está ligada à noção de uma nova cidadania, não definida previamente e nem com um sentido universal, mas que responda à dinâmica dos acontecimentos concretos vividos por uma sociedade em determinado momento histórico.

Uma das razões fundamentais da sedução que a noção de uma nova cidadania exerce hoje em dia é a possibilidade de que ela traga respostas aos desafios deixados pelo fracasso tanto de concepções teóricas como de estratégias políticas que não foram capazes de articular essa multiplicidade de dimensões que, nas sociedades contemporâneas, integram hoje a busca de uma vida melhor. Dessa capacidade de articular os múltiplos campos onde se trava hoje no Brasil a luta pela construção da democracia e pelo seu aprofundamento, depende o futuro da nova cidadania enquanto estratégia política (DAGNINO, 1994, p. 115).

2.4 A periferia se exhibe

Publicado em 8 de abril de 2006 em diversos jornais do País pela Rede Globo de Televisão para divulgar o programa de mesmo nome, o texto Central da Periferia, escrito por Vianna (2006) analisa as manifestações das periferias como a mais importante novidade da cultura nacional da última década.

A periferia se cansou de esperar a oportunidade que nunca chegava, e que viria de fora, do centro. A periferia não precisa mais de intermediários (aqueles que sempre falavam em seu nome) para estabelecer conexões com o resto do Brasil e com o resto do mundo (VIANNA, 2006).

Isso se deve, segundo ele, aos grupos culturais e movimentos sociais que surgiram na periferia com o objetivo de combater a desigualdade social. E não se

trata de uma tendência nacional, mas global. A população urbana do mundo hoje é maior que toda a população do planeta em 1960.

Além disso, o número de habitantes das grandes cidades cresceu mais rápido que as economias locais, sem gerar novos empregos. A migração do campo para as cidades continuou e estima-se que mais de 1 bilhão de pessoas vivam em favelas em todo o mundo, sendo que metade tem menos de 20 anos de idade.

A consequência, na análise de Vianna (2006), é que governos e grande mídia não sabem o que fazer diante dessa situação nem como se comunicar com essa população, que muitas vezes só aparece em estatísticas oficiais de catástrofes anunciadas.

Essa gente toda vai fazer o que com toda sua energia juvenil? Produzir a catástrofe anunciada? É só isso que lhe resta fazer? Sumir do mapa para não causar mais problemas para os ricos? Em lugar de sumir, as periferias resistem - e falam cada vez mais alto, produzindo mundos culturais paralelos (VIANNA, 2006).

Como resultado, o antropólogo sugere inclusive repensar ou descartar o conceito de inclusão cultural, em que se entende que o centro tem o que falta à periferia – ideia que dá a entender que a periferia não tem cultura, algo que almeja ter um dia e que pode ser ensinado pelo centro.

Porém, Vianna (2006) observa que a periferia se movimentou sem que o centro percebesse e pode indicar novos caminhos para o futuro do centro. É o que ele chama de “inclusão social forçada”, de baixo para cima.

Cada vez mais, a periferia toma conta de tudo. Não é mais o centro que inclui a periferia. A periferia agora inclui o centro. E o centro, excluído da festa, se transforma na periferia da periferia (VIANNA, 2006).

3 CULTURA DE PAZ E NÃO-VIOLÊNCIA

3.1 Grau extremo da conduta agressiva

A violência se coloca como um dos fatores principais a ser abordado porque é uma das principais características atribuídas às periferias, conforme mencionado nos tópicos anteriores. Em função disso, tal espaço é dedicado para breve dissertação sobre o assunto.

Osório (2001) cita o psicanalista Sigmund Freud para explicar a violência. Para Freud todo ser humano é agressivo, o que está dentro da normalidade. Agressividade vem do grego “ad+gradior”, ou “movimento para frente”. Ou seja, a ação é a principal característica de um ser agressivo e pode estar a serviço de um movimento construtivo, de vida, da mesma forma que a serviço de um movimento destrutivo, de morte. Portanto, há quem reserve o termo agressão para conotar o ato negativo e agressividade para designar seu significado positivo.

Já a violência, para o autor, é o grau extremo da conduta agressiva com finalidades destrutivas, estando no polo patológico da agressividade humana. Ele segue a linha de Freud, que argumenta que as causas de doenças mentais e distúrbios de comportamento estão ligados à constituição e ao ambiente onde tais indivíduos vivem. A constituição seria a personalidade prévia do indivíduo e o ambiente tudo aquilo que acaba influenciando em sua formação.

Segundo Osório (2001), no seio da família e a partir de certos atos de seus membros é que se formam as características de um indivíduo, mas não afirma que seja nelas onde se criam todos os sujeitos violentos. Já o ambiente externo pode gerar a eclosão de atos violentos mesmo em indivíduos tidos como pacíficos.

Podem ser fenômenos de massa, como ódio gerado pelo maniqueísmo religioso, político, racial, ou mesmo associativo – como em jogos de futebol. Mas há os que se tornam violentos quando submetidos a situações extremas de humilhação, injustiça ou discriminação.

A violência tem sido a partir da era moderna o experiente com que as camadas mais pobres e desvalidas da população mundial procuram nivelar

privilégios autoconcedidos pelos ricos e poderosos e diminuir a distância que deles os separa no acesso aos bens de consumo e às benesses do progresso tecnológico (OSÓRIO, 2001, p. 47-48).

De acordo com definições de Soares (informação verbal)³, a violência é mais que um conceito científico. É uma categoria cultural. Define-se assim por tratar de uma problemática social imprecisa que é influenciada por diversos fatores. Tem-se uma “pluralidade de circunstâncias e aplicações que levam ao ato violento”. Ele considera o tipo de violência mais grave e, portanto, mais preocupante, a violência criminal letal, ou seja, que gera vítimas fatais. Mas para ele “há um protagonista nessa história” que considera a “vítima prioritária desse processo devastador”.

Soares explica que é o jovem de 15 a 24 anos, “frequentemente pobre, geralmente negro” que mora nas periferias, nas favelas das cidades brasileiras. Sem acesso ideal à educação, à oportunidade profissional e ao convívio igualitário com as demais classes, torna-se vulnerável às “oportunidades” dadas pelo crime. É ele quem “tem pagado com a vida o preço dessa nossa insanidade coletiva, que chamamos de insegurança”.

O sociólogo defende que existem “matrizes da criminalidade” que agem como “usinas da criminalidade letal”. As três principais são:

- A morte provocada pela figura do assassino de aluguel, tradicional em algumas regiões do País;
- O crime efetuado em conflitos interativos, comuns em discussões banais e corriqueiras que, se com acesso a uma arma de fogo torna-se uma tragédia;
- A criminalidade do tráfico de armas e de drogas. “As drogas financiam as armas e as armas intensificam as práticas criminosas”.

Osório (2001), diz que, para resolver o problema da violência, não bastam as medidas repressivas, nem ingenuidade das propostas pedagógicas ou soluções inspiradas em cânones psicológicos ou sociológicos. Essas medidas, segundo ele, podem conduzir a novas violências por trazerem a ideologia da retaliação, onde

³ Informação fornecida pelo sociólogo Luiz Eduardo Soares na palestra Violência e Fragmentação Social para gravação da série Balanço do Século XX, Paradigmas do Século XXI - Sociedade Pós-Traducional. Que sociedade é esta? da Cultura Marcas, em 2003.

cada ação corresponde reação igual e contrária. Da mesma forma, mostra que a sociedade não tende a buscar uma solução plausível:

O amortecimento de nossa capacidade de nos indignarmos diante da injustiça e a crescente indiferença coletiva face à banalização da miséria e da violência em nosso cotidiano existencial sinalizam o exaurimento de nossa disposição a agir para tentar modificar esse estado de delinquência institucionalizada em que vivemos (OSÓRIO, 2001, p. 20).

3.2 Equação da violência

Maioria da população que reside em zonas periféricas, os jovens também são as principais vítimas da violência e criminalidade. Portanto, estudos comprovam que a redução do número de homicídios está diretamente relacionada à queda relativa da população entre 15 e 24 anos.

Dantas (2009) relata em reportagem publicada no caderno MetrÓpole de O Estado de S. Paulo em 13 de julho de 2009 o declínio em 70% na taxa estadual de homicídios entre os anos de 1999 e 2008. A reportagem cita dados da Secretaria de Segurança Pública do Estado ao dizer que o índice caiu de 35,71 assassinatos por 100 mil habitantes por ano para 10,69 em 2008.

Na mesma reportagem, o doutorando Gabriel Hartung, da Escola de Pós-Graduação em Economia (Ebape) da Fundação Getulio Vargas (FGV), apresenta um estudo que indica a diminuição em 60% do estoque de armas em poder da população no intervalo entre 2001 e 2007.

Segundo a tese a ser defendida por Hartung, essa redução contribuiu com uma parcela de 9% a 12% na queda do número total de homicídios no Estado de São Paulo entre 1999 e 2007. No longo prazo, a política de controle de armas iniciada em 2003 com o Estatuto do Desarmamento pode influenciar em uma queda de 20% na taxa de homicídios.

Paralelamente, o economista João Manoel Pinho de Melo, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), apresenta estudo sobre a redução do número de jovens, que influenciou o grau de homicídios em São Paulo, está se repetindo com atraso de alguns em outros estados do Brasil. Porém, como em 2000 foram registrados nascimentos acima da média no País, entre os anos de

2015 e 2025 o Brasil deve passar novamente por uma fase com taxa de homicídios maior.

3.3 Paz, uma possibilidade real

Que uma vez que as guerras se iniciam nas mentes dos homens, é nas mentes dos homens que devem ser construídas as defesas da paz; (...) que a ampla difusão da cultura, e da educação da humanidade para a justiça, para a liberdade e para a paz são indispensáveis para a dignidade do homem, constituindo um dever sagrado, que todas as nações devem observar, em espírito de assistência e preocupação mútuas (UNESCO, 2002, p. 2).

O trecho relatado acima foi retirado da constituição da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), criada logo após o término da Segunda Guerra Mundial com o propósito de evitar que novos conflitos dessa magnitude voltassem a acontecer e propagar ao redor do mundo o que hoje se denomina “cultura de paz”.

A filosofia da paz surgiu recentemente enquanto a filosofia da guerra está enraizada há muitos séculos na história mundial (BOBBIO, 2005, apud OLIVEIRA, 2007).

Bobbio afirma que a filosofia da paz surge quando a filosofia da guerra esgota todas as suas possibilidades e ao mesmo tempo mostra a sua impotência em relação ao aumento quantitativo e qualitativo das guerras. A filosofia da guerra tem por princípio que as relações entre os homens e os povos são, na sua essência, relações de violência, hostilidade e animosidade (...). Já a filosofia da paz acredita que a guerra não é o estado habitual das relações humanas e que é possível estabelecer a paz, como uma situação habitual das relações entre os povos (OLIVEIRA, 2007, p. 3).

Até o século XVIII, acreditava-se que a paz somente seria alcançada após a morte, na vida eterna, enquanto as guerras eram aceitas naturalmente. O primeiro autor a trazer a questão para o campo da Filosofia, fora do campo religioso, foi Immanuel Kant, que publicou em 1795 a obra *Para a Paz Perpétua*. Trata-se de um documento em que Kant (2006) coloca a paz não como uma ação bondosa e, sim, como direito jurídico. Por acreditar que o estado natural da humanidade era o de guerra, Kant (2006) pensava que a paz deveria ser instaurada por um estado jurídico.

A paz não é uma ideia vazia de conteúdo, mas um trabalho a ser realizado de maneira conscientizada. Corresponde-se a um dever de razão ao que se deve conferir eficiência prática através de um cultivo dialético segundo um vetor prospectivo de realização e um esforço cultural para que possa ser concebida como possibilidade real (...) Portanto, deve ser instaurada (KANT, 2006, p. 47).

Para Galtung (2004, apud OLIVEIRA, 2007) há dois tipos de paz. A primeira é a paz negativa, ou simplesmente a inexistência da guerra e violência física, “o que não necessariamente se traduz em cooperação entre povos e nações”. A propósito, pode continuar havendo a predisposição para a guerra, a rivalidade entre nações e falta de cooperação em um cenário de paz negativa. Ou seja, essa paz é omissa aos problemas mundiais, pois visa apenas a solução de problemas locais.

O segundo tipo de paz é a paz positiva, que pressupõe não só a inexistência de conflitos como também a cooperação entre nações com o propósito de integrar a sociedade humana. Seria o efeito de ações contra a violência e a guerra por meio da proteção dos direitos humanos, combate a injustiças sociais e econômicas, desarmamento e desmilitarização.

Essa paz seria a ausência da violência estrutural, tratada anteriormente, e somente poderia ser instaurada com uma mudança social para avançar em companhia a promoção de justiça social e desenvolvimento político-econômico das nações subdesenvolvidas. Ao que Galtung (2004) nomeou como “paz cultural” convencionou-se chamar depois de “cultura de paz”.

Segundo Rayo (2004, apud OLIVEIRA, 2007), o termo “cultura de paz” foi apresentado mundialmente em julho de 1989 durante o Congresso Internacional para a Paz na Mente dos Homens, em Yamassoukro, Costa do Marfim. Na ocasião, debateu-se a tentativa de superar as diferentes concepções de paz quando se considera que paz é: essencialmente o respeito à vida; o bem mais precioso da humanidade; mais do que o fim dos conflitos armados; um comportamento; uma adesão profunda do ser humano aos princípios de liberdade, justiça, igualdade e solidariedade entre todos os seres; uma associação harmoniosa entre a humanidade e a natureza.

A Organização das Nações Unidas (ONU) estabeleceu o período entre 2001 e 2010 como a Década Internacional da Cultura de Paz e Não-Violência para as crianças do mundo.

De acordo com a definição da UNESCO, a cultura de paz é baseada em valores e compromissos com: o respeito a todos os direitos individuais e humanos; a promoção e vivência do respeito à vida e à dignidade de cada pessoa sem discriminação ou preconceito; a rejeição a qualquer forma de violência; o respeito à liberdade de expressão e à diversidade cultural por meio do diálogo e da compreensão e do exercício do pluralismo; a prática do consumo responsável respeitando-se todas as formas de vida do planeta; a tolerância e a solidariedade; e o empenho na prevenção de conflitos resolvendo-os em suas fontes (que englobam novas ameaças não-militares para a paz e para a segurança como exclusão, pobreza extrema e degradação ambiental).

Além disso, a Cultura de Paz procura resolver os problemas por meio do diálogo, da negociação e da mediação, de forma a tornar a guerra e a violência inviáveis e deve ser entendida como um processo, uma prática cotidiana que exige o envolvimento de todos: cidadãos, famílias, comunidades, sociedades e países (UNESCO)⁴.

3.4 Violência em queda

As mortes por atos violentos diminuíram nos últimos anos em São Paulo, conforme aponta Waiselfisz (2005) em uma pesquisa da UNESCO. Porém, esse índice era crescente até há pouco tempo. Entre os anos de 1993 e 2003, o número de homicídios registrados pelo Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM) no Estado de São Paulo aumentou de 9.219 para 13.903 – alta de 50,8% no índice em um período em que a população cresceu 16,7%.

Até o ano de 1999, as taxas de homicídios cometidos em São Paulo aumentavam com maior velocidade que a média nacional. Naquele ano, morriam 69,1 pessoas a cada grupo de 100 mil habitantes na capital paulistana por ano vítimas da violência urbana. No Brasil, o nível era de 45,5. Porém, daí em diante

⁴ Documento on-line disponível em:

<<http://www.brasilia.unesco.org/areas/dsocial/areastematicas/direitoshumanos/culturadepaz/culturadepazleiamais>>. Acesso em: 27 de outubro de 2009.

começou-se a observar uma redução nesses mesmos níveis. Em 2003, o índice da cidade de São Paulo caiu para 52,4 enquanto a média nacional era de 46,1.

De acordo com Waiselfisz (2005), essa redução se deve a três fatores específicos: melhoria no aparelhamento da segurança pública do estado; conscientização e organização da sociedade civil em torno do tema – assim como no caso do Grajaú, a ser abordado logo à frente; e articulação de organizações públicas e privadas para enfrentar o problema.

Waiselfisz (2005) destaca ainda que, embora a modernização da máquina de segurança pública seja um avanço, não é suficiente para diminuir os níveis de violência de forma tão considerável. Em São Paulo, a mobilização da sociedade civil forçou o poder público a exigir maior eficiência dos policiais em suas ações. Além disso, surgiram diversos movimentos sociais, cujo mais conhecido é o Instituto Sou da Paz, criado por jovens universitários que visavam o desarmamento de parcela da população.

Por conta disso, os laços entre poder público e sociedade civil foram estreitados e deram origem a, por exemplo, o Fórum Metropolitano de Segurança Pública e o Disque Denúncia.

4 NOS EXTREMOS DO GRAJAÚ

A primeira ação social abordada neste projeto é o Evento pela Paz no Grajaú, assim denominado por seus organizadores, moradores do distrito localizado na Zona Sul da cidade de São Paulo. Nos tópicos posteriores serão expostos dados demográficos sobre o distrito, bem como análise socioeconômica para contextualizar o cenário no qual o Evento está inserido.

4.1 Consequência do caos

Do marco zero da cidade, na Praça da Sé, até o número um da Avenida Dona Belmira Marin, na entrada do bairro, são exatos 26 quilômetros de percurso segundo cálculos do aplicativo eletrônico Google Maps.⁵

De acordo com BARBAN (2003), que organizou a pesquisa Grajaú – Mapeamento e Articulação da Sociedade Civil em Região de Extrema Pobreza, junto ao Instituto de Estudos, Formação e Assessoria em Políticas Sociais (Polis), são cerca de 30 quilômetros de distância entre o centro de São Paulo e o Grajaú, mas não delimita em até que local do distrito.

A distância, entretanto, não é apenas geográfica, como a própria pesquisadora destaca.

À medida que se percorre essa distância a cidade vai se deteriorando aos poucos, desde o desenho das habitações e zonas comerciais até o cuidado com as ruas, avenidas e pontos de ônibus, que raramente possuem coberturas e bancos de espera (justamente onde as pessoas aguardam mais tempo pelo coletivo igualmente precário) e nem de longe lembram os pontos modernos e acolhedores da região Centro e Paulista (BARBAN, 2003, p.11).

Pouco se sabe sobre a história do distrito. De acordo com dados divulgados no website São Paulo Minha Cidade⁶, a região do Grajaú começou a ser povoada e

⁵ Disponível em: <<http://maps.google.com.br/>>. Acesso em: 12 de abril de 2009.

⁶ Disponível em: <http://www.saopaulominhacidade.com.br/bairros_grajau.asp>. Acesso em: 10 de dezembro de 2008.

urbanizada na década de 60 com a chegada da família Reimberg, de origem alemã, que adquiriu na época cerca de 40 alqueires de terra anteriormente sob a propriedade do doutor Olavo Guimarães Sobrinho. Segundo o website, esse foi o maior loteamento praticado até então na cidade de São Paulo.

Atualmente, segundo informações do website da subprefeitura da Capela do Socorro⁷, o Grajaú ocupa uma área total de 92,53 quilômetros quadrados e compõe a antiga região administrativa da Capela do Socorro, área que hoje corresponde a duas subprefeituras, após a votação do projeto de criação de subprefeituras na cidade de São Paulo, em junho de 2002: a de Capela do Socorro, compreendendo os distritos Socorro, Cidade Dutra e Grajaú; e a de Parelheiros que inclui o bairro de mesmo nome e Engenheiro Marsilac.

Também segundo o website toda essa região do extremo sul corresponde a um terço da área total da cidade, com superfície de 487,8 quilômetros quadrados, cerca de 67% da área rural de São Paulo, e está localizada em área de proteção ambiental, sendo 95% dela protegida pela Lei de Proteção dos Mananciais – parte dela, de 270 quilômetros quadrados, dentro da Área de Proteção Ambiental (APA) do Capivari-Monos, criada em junho de 2001. A área de proteção a mananciais é responsável pelo abastecimento de água de 35% da população da região metropolitana de São Paulo.

O Grajaú é o distrito mais populoso da capital paulista, com um total de 433.614 habitantes em maio de 2009, segundo dados da Fundação Seade, e uma densidade demográfica de 4.548 moradores por quilômetro quadrado.

Possui uma das mais altas porcentagens de crescimento populacional anual, cerca de 5,04%, e é também um dos distritos com maior crescimento populacional na última década em números absolutos, um aumento de 138.217 pessoas, ou 18% do crescimento total no município. Enquanto esse cresceu em torno de 1% ao ano, o Grajaú cresceu quase 6% (BARBAN, 2003, p.13).

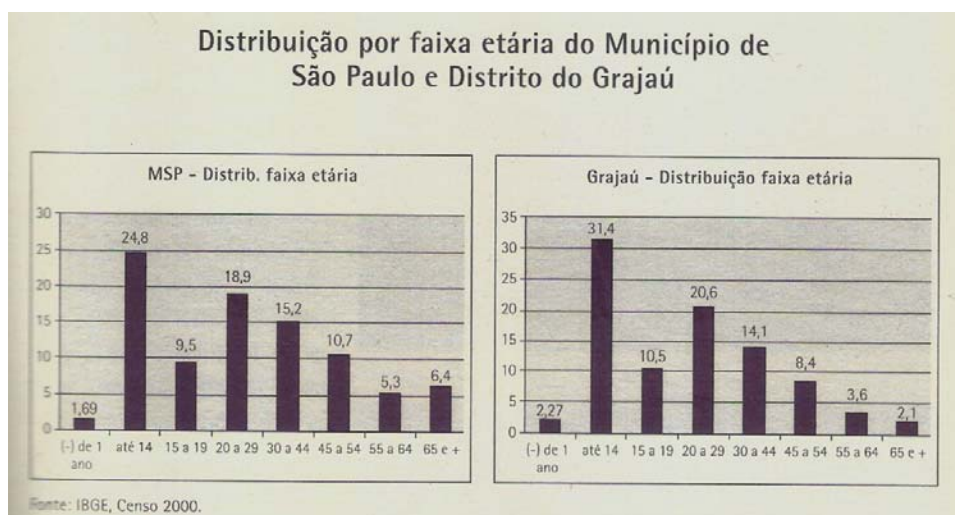
Em comparação, a estimativa populacional para 2009 na cidade de São Paulo é de 11.037.593 habitantes, segundo dados do IBGE (2009, BRITO, 2009), em reportagem na Folha de S. Paulo, publicada em 14 de agosto de 2009. Esse contingente distribuído em uma área de 1.530 quilômetros quadrados, resultando em

⁷ Disponível em: <http://portal.prefeitura.sp.gov.br/subprefeituras/spcs/dados/aspectos_fisicos/0001>. Acesso em: 11 de abril de 2009.

uma densidade demográfica de 7.214 habitantes por quilômetro quadrado. Sobre a proporção da população do Grajaú, tem-se:

A proporção de mulheres e homens, de cerca de 51,06% e 48,94%, respectivamente, é muito parecida com a do município de São Paulo, que possui aproximadamente 52,34% de mulheres e 47,66% de homens (CENSO IBGE 2000). A proporção jovem é bem superior aos índices do município. No Grajaú, mais da metade da população, 52%, possui entre 1 e 29 anos – cerca de 31,4% de sua população encontra-se na faixa de 1 a 14 anos, 20,6% na faixa de 20 a 29 anos e 2,1% com mais de 65 anos –, enquanto São Paulo, as faixas etárias são bem mais distribuídas e há uma população idosa maior em porcentagem, cerca de 6,4%, conforme mostra a Figura 1 (BARBAN, 2003, p. 14-15).

Figura 1



Segundo levantamento do website Observatório Cidadão⁸ com base em dados de 2008 do IBGE compilados pela Fundação Seade, a região da Capela do Socorro – onde está incluído o Grajaú – tinha, no ano em questão, 672.901 habitantes distribuídos em uma área total de 134 quilômetros quadrados, o que dá uma densidade demográfica de 5.021 habitantes por quilômetro quadrado.

Da população total da subprefeitura, 123.266 habitantes têm entre 0 e 9 anos; 58.767, de 10 a 14 anos; 56.610, de 15 a 19 anos; 120.946, de 20 a 29 anos; 266.171, de 30 a 59 anos; e 47.141, com 60 anos ou mais.

⁸ Disponível em: <<http://www.nossasaopaulo.org.br/observatorio/regioes.php?regiao=31>>. Acesso em: 19 de outubro de 2009.

Como são poucos os relatos sobre a história do Grajaú, cabem aqui algumas informações sobre a história da Capela do Socorro. Segundo website da subprefeitura Capela do Socorro⁹, a região já foi habitada por índios Guaranis, subgrupo Tupi, que chegaram a Parelheiros e lá se fixaram. Atualmente restam duas aldeias desse grupo na área da Subprefeitura de Parelheiros, com cerca de 600 indígenas.

Nas primeiras décadas do século XX, a construção das barragens da multinacional inglesa Light gerou interesse sobre a região. Em 1907, foi construída a barragem do rio Guarapiranga, transformado na represa de 33,9 quilômetros quadrados, e a barragem do Rio Grande, que originou a represa Billings, de 130 quilômetros quadrados entre os municípios de São Paulo e São Bernardo do Campo.

Com as represas, gerou-se uma especulação imobiliária sobre a região por conta do potencial de lazer, mas a Capela do Socorro permaneceu pouco ocupada até a década de 40, quando se deu início o processo de desenvolvimento industrial em Santo Amaro.

O website da subprefeitura da Capela do Socorro¹⁰ diz que, com a proximidade, muitos trabalhadores optaram por morar na região e surgiram, então, povoamentos à beira das estradas locais. Muitos dos loteamentos começaram de forma irregular, sem licença governamental, a partir da venda de proprietários que detinham os lotes.

Junto às paradas e terminais das poucas linhas de ônibus, surgiram estabelecimentos comerciais de pequeno porte para o atendimento local. À medida que a população crescia, o número de lojas aumentava, criando pequenos centros comerciais.

A partir da década de 70, os novos bairros que surgiam, como o Grajaú, acompanhavam o desenvolvimento periférico característico da cidade de São Paulo à época. Ruas em áreas de solo vulnerável, em morros, sem infra-estrutura urbana, equipamentos sociais ou transporte coletivo próximo. Dos 30 mil habitantes em

⁹ Disponível em: <<http://portal.prefeitura.sp.gov.br/subprefeituras/spcs/dados/historico/0001>>. Acesso em: 11 de abril de 2009.

¹⁰ Disponível em: <<http://portal.prefeitura.sp.gov.br/subprefeituras/spcs/dados/historico/0001>>. Acesso em: 11 de abril de 2009.

1960, a Capela do Socorro passou a 261.230 em 1980 e a 563.922 no ano 2000 – crescimento populacional de quase 2000% em quarenta anos.

Para controlar a expansão demográfica, em 1975, a prefeitura subordinou a região à Lei de Proteção dos Mananciais, que dificultou o consentimento de escrituras para propriedades em regiões próximas à beira das represas Billings e Guarapiranga.

De acordo com o website da subprefeitura, porém, isso não foi suficiente para controlar a urbanização e a deterioração ambiental. Fora do mercado formal, os terrenos foram desvalorizados, o que gerou uma nova especulação imobiliária que atraiu o interesse de trabalhadores de baixa renda.

Atualmente, estima-se que existam 400 bairros irregulares na Capela do Socorro, sendo que grande parte desse total se encontra no distrito do Grajaú, onde segundo dados da própria subprefeitura residem 53.116 pessoas aglomeradas em ocupações não-planejadas, ou irregulares, a maioria delas, inacabadas. Em 2008, segundo a Fundação Seade, 16,8% estavam localizados em favelas.

4.2 Uma cidade dentro da cidade de São Paulo

O Grajaú é outro bairro paulistano tipicamente dos novos tempos. Situado na zona sul da cidade, é assíduo frequentador das páginas policiais dos jornais. Os moradores do distrito convivem há décadas com as promessas de melhorias na infraestrutura (...) Seus moradores são pessoas expulsas de outros lugares: famílias inteiras excluídas de bairros mais centrais pelo alto custo dos aluguéis; flagelados de todos os matizes; ou simplesmente pobres querendo um lugar ao sol, ainda que seja o violento Grajaú (...) A prefeitura paulistana nos ensina que o distrito do Grajaú nos ensina uma elevada taxa de crescimento, uma das mais elevadas de São Paulo. Além de ser o distrito mais populoso, é também o que possui o maior número de pessoas vivendo em favelas (PONCIANO, 2001, p.100).

O relato acima é um dos poucos achados sobre a história do Grajaú e ilustra bem a imagem que se tem publicamente sobre a região.

De fato, o distrito conta com sérias deficiências estruturais e condições socioeconômicas que contribuem para a formação do conceito sobre ele conhecido além de suas fronteiras de um bairro pobre, violento e de condições de vida sub-humanas.

Em 7 de setembro de 2008, Barros et al (2009) perfilaram em reportagem publicada na Folha de S. Paulo os moradores do extremo sul de São Paulo, que abrange 14 distritos – entre eles, o Grajaú. Como base utilizaram dados do Instituto Datafolha que entrevistou 4.093 moradores com 16 anos ou mais, entre os dias 25 de maio a 17 de junho do ano em questão. Pelo menos 300 dessas entrevistas foram feitas no distrito do Grajaú.

Os moradores do distrito, que em 2000 apresentou renda per capita de R\$ 222,29, segundo o Atlas de Trabalho e Desenvolvimento de São Paulo, citado na reportagem, atribuíram nota 6,3 ao lugar onde residem – a mais baixa entre os distritos do extremo sul, com média 7. Também segundo o Atlas, em 2000 o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do Grajaú foi de 0,754, abaixo da média da cidade de São Paulo (0,841 no ano 2000) e da brasileira (0,807 em 2008).

Ainda de acordo com dados da reportagem, 12% da população teve um amigo ou parente assassinado, enquanto a média paulistana foi de 7,5%. Mesmo assim, 66% acham que a vida melhorou desde 2003, enquanto na cidade de São Paulo a média foi de 63%.

Os moradores do Grajaú têm uma faixa etária média de 34,3 anos. Da cor branca, são 30%, 18% pretos e 48% de pardos – a maior média da capital paulista.

Dos alfabetizados, 48% possuem no máximo o Ensino Fundamental, enquanto 46% concluíram o Ensino Médio e 6% o Ensino Superior.

Cerca de 65% dos moradores estão incluídos na classe social C, sendo que 34% têm renda de até dois salários mínimos e 30% de dois a três salários mínimos. E 32,5% da população total têm automóvel.

Segundo dados do website Observatório Cidadão¹¹ divulgados pela Fundação Seade, a região da subprefeitura da Capela do Socorro, onde está o Grajaú, é uma das menos desenvolvidas da cidade de São Paulo – a começar pelos investimentos em educação.

Em 2006, o número de livros infanto-juvenis disponíveis foi de 0,43 por habitante, ante uma média municipal de 1,13 por habitante. Já para o público acima de 15 anos esse índice cai para zero, enquanto a média paulistana é de 0,55 por habitante.

¹¹ Disponível em: <<http://www.nossasaopaulo.org.br/observatorio/regioes.php?regiao=31>>. Acesso em: 19 de outubro de 2009.

Além disso, o website Observatório Cidadão observa que a Capela do Socorro tem ainda as piores margens de centros culturais da cidade (1,54% dos 65 disponíveis), salas de cinema (1,53% de 262), teatros (1,05% de 190) e salas de show (1,12% de 179). Também figura abaixo da média na disponibilidade de equipamentos culturais públicos, abrigando apenas 2,34% dos 171 existentes na cidade.

Na área de esportes, também considerando dados de 2006, a região não conta com nenhum dos 41 equipamentos públicos para prática desportiva e nenhuma das 331 unidades desportivas do município.

Em 2007, 32,6% dos domicílios não tinham esgoto tratado – o que também dá à região a pior média municipal. No ano seguinte, constatou-se que 14,39% dos domicílios estavam em favelas ante média de 12,64% do município.

Enquanto na cidade a média de crianças que morreram antes de completar um ano de idade foi de 12,00 a cada mil crianças em 2008, no distrito esse índice foi de 13,30 a cada mil segundo dados da Fundação Seade.

A taxa de desemprego na população a partir dos 16 anos também foi a pior, ficando em 18,90% contra 15,20% do município. Entre os jovens com idade de 16 a 29 anos, é ainda maior: 20,62% deles estão desempregados, ante 18,33% do município.

Segundo Penteadó (2007) em reportagem da Folha de S. Paulo, publicada em 2 de dezembro de 2007, com base nos dados do Programa de Aprimoramento das Informações de Mortalidade do Município de São Paulo da Secretaria de Saúde do Município de São Paulo (Pro-Aim), para cada assassinato cometido no bairro de Moema, outros 130 acontecem no Grajaú. A cada 15 homicídios registrados na cidade, um acontece no distrito.

Os dados refletem o período entre janeiro de 2003 e maio de 2007, em que foram cometidos 14.810 homicídios dolosos (quando há intenção de matar) ou mortes em tentativas de assalto (latrocínio) na cidade, baseados em atestados de óbito e endereço de vítimas a partir de boletins de ocorrência registrados pela Polícia Militar. Do total de mortes do tipo, 914 (6% do total) aconteceram no Grajaú. Já em Moema, com 67 mil moradores, foram sete mortes do tipo (0,047% dos casos registrados).

Apesar dos números, a região desponta como celeiro para movimentos sociais com forte participação popular com o objetivo de transformar tal realidade.

De acordo com o levantamento realizado pelo Datafolha, citado nesse tópico, o extremo sul – Grajaú incluído – é a região da cidade de São Paulo onde o número de pessoas engajadas em movimentos sociais é mais expressivo: cerca de 37% da população. O percentual de participantes de associações de bairro (7%) também é o mais alto, ante 5,6% na média paulistana.

O resultado é que a região da Capela do Socorro apresentou melhora em determinados índices de segurança entre os períodos de 2003 a 2007, segundo dados do website Observatório Cidadão¹². O Sistema de Informação Criminal da Secretaria Estadual de Segurança Pública (Infocrim-SSP) aponta que em 2003 foram cometidos 79,54 crimes fatais para cada grupo de 100 mil habitantes – entre as piores do município. Já em 2007, esse índice caiu para 26,17 para cada 100 mil habitantes – na média municipal, de 22,60.

A quantidade de crimes violentos não-fatais também diminuiu ao passar de 307,90 a cada 100 mil habitantes em 2003 para 295,02 a cada 100 mil habitantes em 2006 – o terceiro melhor índice da cidade, com média de 419,76.

O número de roubos também está entre os menores da capital paulista, com índice de 552,88 a cada 100 mil habitantes em 2006. Em 2003, esse indicador marcava 718,81 por 100 mil habitantes. A média da cidade de São Paulo, em 2006, foi de 1000,65 infrações.

Entretanto, a Capela do Socorro ainda fica entre as piores regiões quando o critério avaliado é a taxa de homicídios de jovens do sexo masculino entre 15 e 29 anos. Enquanto a média municipal em 2007 foi de 56,87 para cada 100 mil habitantes, com base nos dados do Pro-Aim, a subprefeitura apresentou índice de 74,95. Ainda assim, nota-se uma redução considerável em comparação a 2003, quando chegou a 332,59 mortes a cada grupo de 100 mil habitantes.

¹² Disponível em: <<http://www.nossasaopaulo.org.br/observatorio/regioes.php?regiao=31>>. Acesso em: 19 de outubro de 2009.

4.3 O papel do terceiro setor no Grajaú

As ONGs atuam em diversas carências da estrutura social no Grajaú. Diante das diversas deficiências, não saneadas pelas autoridades governamentais, o terceiro setor preenche tal lacuna com projetos para amenizar ou até tentar suprir uma parte das necessidades locais.

Segundo Barban (2003), os problemas identificados pelas organizações do distrito estão relacionados a educação (em seus diversos graus), cultura, violência e segurança, equipamentos sociais básicos (saneamento, asfalto, arruamento, iluminação, limpeza de córregos, etc.), saúde, regularização dos títulos dos terrenos (área de mananciais) e emprego.

Ainda de acordo com a pesquisa de Barban (2003), realizada entre o segundo semestre de 2001 e o início de 2002, o Grajaú tinha 68 grupos ou associações “que se instalaram no distrito com o propósito de desenvolver um trabalho para contribuir com melhorias para a qualidade de vida do cidadão” (BARBAN, 2003, p.31). Em geral eles não têm qualquer vínculo específico com as organizações governamentais com exceção para os casos de convênios para creches, centros de juventude ou cursos.

Com base na mesma pesquisa sobre as organizações do bairro constatou-se que em geral elas foram criadas em resposta aos problemas que afetam a comunidade, apresentam uma frequência mensal de mais de 20 mil pessoas e atendem ou beneficiam mais de 10 mil.

A maior parte dessas associações foca em problemas como moradia, transporte, saúde, construção de creches, escolas, atendimento diferencial à mulher, implantação de bibliotecas comunitárias e realização de atividades culturais.

Uma parcela importante desses grupos foi criada e é constituída por jovens com o propósito de promover atividades que se esforçam tanto para abrir espaço às atividades culturais, como para ampliar sua própria formação em diversos sentidos, como a ocupação, lazer e cultura.

No ano da pesquisa, em 2002, não foi registrada a ação Evento pela Paz no Grajaú, apesar de estar em sua terceira edição.

Atualmente as diversas associações e organizações não-governamentais do distrito formam a Rede Grajaú, na qual, por meio de reuniões mensais, promovem

momentos para compartilhar suas experiências e encontrar formas de atuarem de forma alinhada a seus objetivos em geral, de melhoria de vida para os diversos públicos do local.

A ideia partiu de vários participantes e organizadores das ONGs, bem como do Evento pela Paz no Grajaú, como forma de unir forças e tentar atuar unidos pelo bem comum.

4.4 Em movimento pela paz

O Evento pela Paz, tema do piloto desde projeto, foi idealizado pelo padre Paolo Parise e por alguns jovens e mulheres moradores do distrito. O movimento está presente desde o ano 2000 na área que abrange os bairros Residencial Cocaia, BNH, Lucélia, Jardim Eliana, Gaivotas, Montes Verdes, Prainha e Parque Residencial dos Lagos – todos no distrito do Grajaú – e tem por objetivo propagar a Cultura de Paz e Não-Violência.

O padre, um missionário italiano, após presenciar diversos acontecimentos violentos na região, mobilizou a comunidade para dar algum tipo de resposta à situação mostrando que a realidade local não se resumia somente a esse aspecto.

Diz um ditado popular que faz mais barulho uma árvore que cai que uma inteira floresta que cresce. Sob a banalização e, às vezes até, instrumentalização da mídia, os fatos de violência geram um clima generalizado de medo e de pessimismo. A iniciativa está sendo uma oportunidade para fazer ver o outro lado da moeda, para fazer enxergar a floresta que está crescendo (PARISE, 2003, p. 71-83).

O movimento é formado em sua maioria por adolescentes e jovens moradores da região. Tal estrutura é mantida desde a criação do Evento e prevê um período de produção anual de aproximadamente cinco meses, de janeiro a maio. Nesse intervalo, ocorrem reuniões, divisão de equipes de trabalho e execução das tarefas. As decisões são tomadas democraticamente, com votações e exposições de opiniões diversas de todos os participantes. O grupo se dedica à realização dos festivais culturais e do Evento em si.

O Evento é o momento máximo de toda a ação, o qual consiste em reunir seus organizadores e outros moradores em torno de um palco, em local escolhido pela equipe organizadora, sempre em ambiente público, para manifestarem seu desejo de paz por meio de apresentações culturais de diversos grupos formados por crianças, adolescentes, jovens e adultos de escolas, ONGs e entidades religiosas dos bairros adjacentes ao distrito.

Todas essas manifestações são embasadas com a temática da paz e não-violência. Aberto ao público, o Evento conta com a participação de diversos grupos de diferentes concepções culturais (hip-hop, teatro, música, dança, poesia), religiosas (cristãos católicos e protestantes, messiânicos) e educacionais (escolas e ONGs).

O Evento pela Paz no Grajaú apresenta características de associação, segundo definição do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE):

As associações são organizações que têm por finalidade a promoção de assistência social, educacional, cultural, representação política, defesa de interesses de classe, filantrópicas. (SEBRAE, 2009)¹³

4.5 O irmão Jardim Ângela

Ao lado do Grajaú, outro distrito da cidade de São Paulo se destaca por seus indicadores sociais negativos e registros de violência – apesar de atualmente serem menos freqüentes que anos atrás. Assim como o distrito abordado no piloto desse projeto, o Jardim Ângela contabiliza 76 pontos no Índice de Vulnerabilidade Juvenil em uma escala que vai de zero a 100.

A vulnerabilidade territorial torna as famílias, as crianças e os adolescentes frágeis, abrindo espaço para a violência. A conexão entre violência e vulnerabilidade territorial é muito evidente quando analisamos a situação vulnerável das periferias, principalmente quando a população não pode contar com a rede pública de proteção social, e de ter condições de acesso a serviços básicos para viabilizar a qualidade de vida (SPINA, REIS, SOUZA, 2006, p. 24).

¹³ Disponível em <<http://www.sebraemg.com.br/culturadacooperacao/associacoes/02.htm>>. Acesso em: 30 de março de 2009.

O Jardim Ângela é banhado pelo rio Guarapiranga e tem 70% de seu território localizado em área de preservação dos mananciais. No início do século XX, segundo segundo informações do website da subprefeitura de M'Boi Mirim¹⁴ – que contempla o distrito do Jardim São Luis e Jardim Ângela –, começou a construção da represa Guarapiranga. Também como no Grajaú, na década de 60, com o surgimento das indústrias na região e conseqüente chegada de operários, o Jardim Ângela iniciou um processo de ocupação desordenada.

Conforme dados da subprefeitura M'Boi Mirim¹⁵, em uma área de 37,4 quilômetros quadrados, residiam, em maio de 2008, 320.026 habitantes (SIAB, SMS, 2008)¹⁶, sendo 153.458 eram homens e 166.568 eram mulheres. Dos domicílios, 14.134 domicílios estão em favelas que ocupam uma extensão de 1,331 quilômetros quadrados. Com a soma de seus dois distritos, a região de M'Boi Mirim, com 585.733 habitantes, tem 34.548 domicílios (SEHAB¹⁷, 2008) em 168 favelas – o segundo maior índice entre todas as subprefeituras, atrás da Capela do Socorro. Além disso, são 48 áreas de riscos mapeados.

4.5.1 O Mais violento do mundo

Segundo a ONU (2005, apud DIMENSTEIN¹⁸, 2005), em 1996, o Jardim Ângela foi apontado como o bairro mais violento do mundo. A taxa de homicídios em 1995 chegou a 112 por 100 mil habitantes. Mas desde 2001 esse índice vem caindo. No ano de 2004 registraram-se 61 mortes por 100 mil habitantes.

Conforme dados da Secretaria Municipal de Saúde publicados no Diagnóstico de M' Boi Mirim, do total de mortes registradas dentro do período de 2007, 14,4% foram por causas externas (ante média municipal de 9,1%). Desse total, 42,2%

¹⁴Disponível em <<http://portal.prefeitura.sp.gov.br/subprefeituras/spmb/dados/historico/0001>>. Acesso em 04 de outubro de 2009.

¹⁵ Disponível em

<http://ww2.prefeitura.sp.gov.br/arquivos/subprefeituras/spmb/dados/diagnosticos_de_mboi_mirim-08_08_08.pdf>. Acesso em 04 de outubro de 2009.

¹⁶ Sistema de Informação da Atenção Básica (SIAB) e Secretaria Municipal de Saúde (SMS).

¹⁷ Secretaria da Habitação e Desenvolvimento Urbano.

¹⁸ Folha Online 5 de junho de 2005. Disponível em

<<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0506200527.htm>>. Acesso em 09 de novembro de 2009.

foram homicídios (30,4% no município). Apesar dos dados negativos, muito foi feito e atualmente o Jardim Ângela deixou de ser a região mais violenta do mundo.

4.5.2 Lutas semelhantes

Assim como o Evento pela Paz no Grajaú e as mais de 60 iniciativas não-governamentais na região, o Jardim Ângela hoje é conhecido não só por seu histórico de violência, mas também por seu combate a ela. Em 1989, foi criada a Sociedade Santos Mártires pelo padre irlandês Jaime Crowe que desenvolve uma rede de serviços, programas e projetos sociais para dar suporte, valorizar e estimular a cidadania de crianças, jovens e adultos do distrito.

Em novembro de 1996, surgiu a Caminhada pela Vida, idealizada pela Sociedade Santos Mártires. Trata-se de uma mobilização até o Cemitério São Luis em protesto contra a violência e a ausência de serviços públicos. Também foi fundado o Fórum em Defesa da Vida, que reúne 200 entidades para discutir a melhor forma de atingirem seus objetivos sociais e cobrar as autoridades de seu papel.

No ano de 2001 começa o trabalho do poeta Sérgio Vaz, com a Cooperativa de Cultura da Periferia (Cooperifa), iniciativa cultural que promove saraus, debates, sessões de cinema valorizando produções e artistas da periferia.

Quatro anos depois, em 2005, numa oficina realizada pela Associação Cultural Kinofórum, entidade sem fins lucrativos que desenvolve atividades e projetos de audiovisual, os jovens da região produziram o primeiro documentário sobre o distrito: Jardim Ângela, que conta a história do jovem Washington Silva, protagonista do filme, e a relação dele e de outros jovens com a família, a educação, a violência e o crime.

Diversos distritos da cidade de São Paulo também realizam essas ações sociais como o Capão Redondo, Parelheiros, Cidade Tiradentes etc.

5 DA PERIFERIA E PARA A PERIFERIA

5.1. Manchetes estereotipadas

A imprensa cobre as periferias de maneira limitada. O que ela mostra é apenas uma parte do todo (RAMOS, PAIVA, 2007).

Um levantamento realizado entre 2004 e 2006 pelo Centro de Estudos de Segurança e Cidadania (Cesec) da Universidade Candido Mendes, no Rio de Janeiro, com 60 jornalistas e 30 especialistas em segurança urbana aponta que a maioria dos jornalistas está consciente desse fator.

(...) seus veículos têm grande responsabilidade na caracterização dos territórios populares como espaços exclusivos da violência. Ao mesmo tempo, admite que a população dessas comunidades raramente conta com a cobertura de assuntos não relacionados ao tráfico de drogas e à criminalidade. A cultura, o esporte, a economia e as dificuldades cotidianas enfrentadas pelos moradores desses locais aparecem muito pouco em jornais e revistas, especialmente quando se considera o imenso número de reportagens e notas sobre operações policiais, tiroteios, invasões, execuções, etc (RAMOS, PAIVA, 2007, p. 77).

As autoras sugerem que a obrigatoriedade do diploma universitário para o exercício da profissão de jornalista durante a década de 70 desencadeou um afastamento de jornalistas de origem humilde das redações, dando lugar aos jovens de classe média, com condições de pagar seus estudos - tecnicamente mais preparados, mas com pouca ou nenhuma experiência sobre a vida nas favelas e periferias.

Nem se pretende argumentar aqui que os jornais antigos desempenham melhor a tarefa de cobrir favelas e periferias, mas possivelmente uma presença maior de indivíduos ligados a essas comunidades poderia estimular, nos dias de hoje, uma cobertura mais plural e menos estigmatizante dos espaços populares (RAMOS, PAIVA, 2007, p. 79).

Elas destacam o surgimento de novos diários destinados ao público das classes C, D e E, o que indica uma tendência do mercado de se dedicar mais a esse público. Porém, fazem uma ressalva: esses tablóides baratos poderiam dar a chance

aos consumidores pobres de se verem retratados na imprensa, mas geralmente tais jornais estão ligados a outros veículos maiores que lhes fornecem o conteúdo.

Essa dependência acaba por manter a mesma visão sobre a cobertura das periferias, além de intensificar os estereótipos em vigor e aumentar a cobertura da violência. Como alerta Bucci, (2006, p.11), “Jornalismo é conflito, e quando não há conflito no Jornalismo, um alarme deve soar”.

Kovach e Rosenstiel (2001, p. 61) destacam que “a primeira obrigação do Jornalismo é com a verdade”. Se for verdade que a população das periferias, mesmo sofrendo com o preconceito e discriminação (CASTRO, 2001), adota novas posturas e criam a partir de suas necessidades ações sociais para o bem comum, é dever do profissional de imprensa fornecer essa informação ao maior número possível de pessoas para atender um único fim “para que elas sejam livres e capazes de se autogovernar” (KOVACH, ROSENSTIEL, 2001, p. 31).

5.2 Um recorte audiovisual da realidade

Considerando a abrangência das mídias audiovisuais e o objetivo de atingir o máximo de pessoas possíveis a produção de documentários prevaleceu sobre as demais opções.

A princípio, cogitou-se a produção de um jornal local direcionado à população da periferia. O website da Associação Nacional de Jornais (ANJ)¹⁹ aponta que, em 2008, a circulação de jornais impressos diários cresceu 5% em comparação ao ano anterior. Foram vendidos em média 8,4 milhões de jornais por dia em todo o país – sem considerar aqueles distribuídos gratuitamente.

Porém, relata Gollo (2009) em reportagem publicada no website Agência Brasil²⁰ em 8 de setembro de 2009, uma análise detalhada da Pesquisa de Orçamentos Familiares 2002-2003, com base em dados coletados em 50 mil domicílios do País pelo IBGE e divulgada em outubro de 2009, apenas 40,7% das famílias brasileiras adquiriram algum material de leitura durante aquele período.

¹⁹ Disponível em: <<http://www.anj.org.br/a-industria-jornalistica/jornais-no-brasil/circulacao-diaria>>. Acesso em: 10 de outubro de 2009.

²⁰ Disponível em: <<http://www.agenciabrasil.gov.br/noticias/2009/09/08/materia.2009-09-08.2781527175/view>>. Acesso em: 08 de novembro de 2009.

Entre essas famílias, o gasto médio foi de 0,6% da renda familiar anual com materiais de leitura como revistas, jornais, livros didáticos, fotocópias, livros técnicos e livros não didáticos. Já as despesas com TV, vídeo, som e microcomputador somaram quase 2% do orçamento disponível.

Também foi cogitada a criação de uma página na internet, visando a interação do público e a ampliação do espaço de divulgação das atividades locais.

A penetração da internet é cada vez maior conforme dados da consultoria Ibope Nielsen Online²¹ divulgados em seu website. Em julho deste ano 36,4 milhões de pessoas usaram a rede no trabalho ou em residências – um crescimento de 10% sobre os 33,2 milhões registrados no mês de junho.

A pesquisa também aponta que em média cada um desses internautas navegou 48 horas e 26 minutos em páginas virtuais e o número de usuários, considerando os inativos, chegou a 44,5 milhões de brasileiros no mesmo período. Além disso, em 2008 o acesso a sites jornalísticos da web chegou a 12,7 milhões de visitantes únicos ante 10,3 milhões registrados um ano antes.

Entretanto, conforme apontou Moraes (2009) em reportagem publicada no website do Correio Brasiliense²², o Brasil encerrou o ano de 2008 com uma população estimada em 190 milhões de habitantes segundo o IBGE.

Além disso, Carneiro (2009) cita em reportagem veiculada no website do jornal O Globo²³ que, de acordo com a Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio (PNAD) em 2008, 95,1% dos lares brasileiros contavam com um aparelho de televisão e, portanto, optou-se pelo formato audiovisual.

Além da distribuição de material (DVD), o formato possibilita divulgação em diversos ambientes tais como centros culturais, salas de cinema, escolas, igrejas, associações de bairros, ONGs entre outros.

²¹ Disponível em:

<<http://www.ibope.com.br/calandraWeb/servlet/CalandraRedirect?temp=5&proj=PortalIBOPE&pub=T&db=caldb&comp=Noticias&docid=62A33B253477B58783257619004BD15C>>. Acesso em: 10 de outubro de 2009.

²² Disponível em:

<<http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia182/2009/09/19/brasil,i=143110/LEVANTAMENTO+DO+IBGE+MOSTRA+BRASIL+COM+FAMILIAS+MENORES+E+MAIS+PESSOAS+MORANDO+SOZ+INHAS.shtml>>. Acesso em: 08 de novembro de 2009.

²³ Disponível em:

<<http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia182/2009/09/19/brasil,i=143110/LEVANTAMENTO+DO+IBGE+MOSTRA+BRASIL+COM+FAMILIAS+MENORES+E+MAIS+PESSOAS+MORANDO+SOZ+INHAS.shtml>>. Acesso em: 08 de novembro de 2009.

5.2.1 Mundo reconhecível – e sob debate

Os documentários dão veracidade aos fatos apresentados, pois mostram um mundo “reconhecível” e possibilitam a busca de possíveis soluções para as questões nele abordadas (NICHOLS, 2005). Enquanto em filmes de ficção há um ator representando o personagem (real ou não), em documentários o ator é o próprio personagem. Não há texto a decorar. Ele conta, mostra e vive sua própria história. Por conta desse formato, ao empregar imagens que não recebem o mesmo tratamento de filmes comerciais e se utilizar de cenas movimentadas, os documentários passam a impressão de autenticidade aos seus espectadores.

Pela capacidade que têm o filme e a fita de áudio de registrar acontecimentos com notável fidelidade, vemos nos documentários pessoas, lugares e coisas que também poderíamos ver por nós mesmos, fora do cinema. Essa característica, por si só, muitas vezes fornece uma base para a crença: vemos o que estava lá, diante da câmera; deve ser verdade (NICHOLS, 2005, p. 28).

Não há uma definição única para documentários. Nichols (2005) aponta que, assim como o amor é visto como o contrário do ódio e da indiferença, ou a cultura o contrário da barbárie, os documentários são definidos pela relação ou comparação com os demais gêneros fílmicos, como filmes de ficção ou de vanguarda.

Não é uma reprodução da realidade, é uma representação do mundo em que vivemos. Representa uma determinada visão do mundo, uma visão com a qual talvez nunca tenhamos nos deparado antes mesmo que os aspectos do mundo nela representados nos sejam familiares (NICHOLS, 2005, p. 47).

Segundo Nichols (2005), a diferença é que os filmes de ficção materializam o que está na mente dos espectadores, que podem ou não adotar o que está sendo exposto como verdade para sua vida real. Já os documentários de representação social mostram aspectos de um mundo já conhecido, ocupado e compartilhado por quem o assiste.

Tornam tangível e audível, de maneira distinta, a maneira de que é feita a realidade social (...). Expressam nossa compreensão sobre o que a realidade foi, é e o que poderá vir a ser (...) Os documentários de representação social proporcionam novas visões de um mundo comum, para que as extrapolemos e compreendamos (NICHOLS, 2005, p. 26-27).

Para que não sejam apenas retratos de acontecimentos específicos com determinados indivíduos nem recortes abstratos da realidade, os documentários devem encontrar um meio-termo entre o geral e o específico. Nichols (2005) explica que a combinação de plano geral e cena individual estabelecem um tempo e um lugar para a história e seus elementos organizados são o que dão fascínio e poder de persuasão ao filme.

Guerras, biografias, violência, sexualidade, etnicidade, entre outros, são temas gerais comumente abordados em documentários. Agrupar planos e cenas nessas categorias maiores, os “conceitos”, permite abordá-los de forma distinta dos demais.

Os documentários são sequências organizadas de planos de algo conceitual ou abstrato por causa dessa organização (tais como estrutura problema/solução, uma história com começo e fim, o enfoque numa crise, a ênfase num tom ou numa disposição de ânimo, e assim por diante) (NICHOLS, 2005, p. 100).

Entretanto, a escolha de um tema para se fazer um documentário deve considerar conceitos debatidos ou contestados na atualidade. Para Nichols (2005), um documentário que aborde determinado assunto de forma apenas educativa ou informativa tem um valor praticamente nulo. E é por isso que este projeto se propõe a colocar em xeque o efeito dos movimentos sociais que atuam nas periferias.

5.3 Roteiro: Grajaú na construção da paz

O roteiro é o que determina o que deve ou não entrar numa produção audiovisual e abrange todas as etapas do documentário: começo, meio e fim (HAMPE 1997).

É escrito em cenas que descrevem todas as ações e falas que devem ocorrer em determinados locais e em determinados momentos. Começa-se uma nova cena toda vez que se muda o tempo ou o espaço da ação (HAMPE, 1997, p.23).

Se nos filmes de ficção, o roteiro contempla as falas de cada ator, em documentários o roteiro menciona apenas o que se espera que as pessoas digam naquele momento. Porém, como Hampe (1997) destaca, não bastam várias entrevistas para se fazer um documentário.

Apenas falar sobre o problema não é o mesmo que documentar o problema, é apenas registrar o que as pessoas acham sobre o problema. Mas se você filmou coisas estranhas sendo despejadas no rio [por exemplo], você está começando a mostrar o problema, e não apenas falar sobre ele. E se, ainda, você mostrar alguém verificando se a substância lançada no rio é tóxica ou não, você estará construindo uma cadeia de evidências visuais. Nada substitui uma boa cena filmada (HAMPE, 1997, p. 27).

Há a possibilidade de, além dos personagens, haver um narrador para contar ao espectador aquilo que não é possível captar diretamente pelas imagens. Todavia, Hampe (1997) observa que a vida real não contém um narrador de fundo e um documentário baseado na realidade também deveria se isentar disso. No caso do documentário “Grajaú na construção da paz”, portanto, optou-se por utilizar apenas os depoimentos dos entrevistados, sem interferência de narradores, e a história segue em formato de diálogo, em que a fala de um complementa a do outro.

Um bom documentário, entretanto, é feito com mais do que boas entrevistas. É feito de boas imagens. E, para isso, o documentarista precisa saber quais tipos de cena ele quer para seu filme. Essa etapa é o planejamento, que vem antes da definição de roteiro. O planejamento contempla a pesquisa sobre o tema central do documentário e, a partir dele, o restante pode ser definido.

O roteiro de um documentário deve considerar uma estrutura, que Hampe (1997) aponta ser um aspecto importante, mas muitas vezes ignorado. Ele subdivide a estrutura de um roteiro em começo, meio e fim.

O começo apresenta o tema a ser abordado, seja por meio de uma pergunta ou algo novo ou inesperado. No meio do enredo, entram os personagens, os elementos conflituosos da situação, evidências relativas ao tema e pontos de tensão que mantenham o interesse do espectador até o fim. Essa, aliás, é a parte em que os conflitos se resolvem e os pontos soltos (quando há) são amarrados.

No documentário Grajaú na construção da paz, piloto do projeto Periferia em Movimento, o Evento pela Paz é o tema central e determina tudo mais que será relatado ao longo do documentário.

5.3.1 Passo a passo

O primeiro documentário deste projeto, Grajaú na construção da Paz, começa com relatos curtos, com duração média de 10 a 15 segundos, de moradores de diversos locais do distrito do Grajaú. Eles opinam sobre os principais pontos positivos e negativos da região. Posteriormente, dá-se a abertura oficial com imagens diversas do distrito. A intenção, nessa primeira etapa, é apresentar a região e quais os principais desafios balizados por quem nela vive, com foco na violência.

A seguir, a história é conduzida por um personagem-chave, o ator de teatro Adilson Cerqueira de Oliveira, de 26 anos. Morador do bairro Jardim Gaivotas, às margens da represa Billings, ele encontrou na arte uma forma de ultrapassar barreiras sociais como desemprego, pouca qualificação profissional e preconceito racial e tem no Evento pela Paz um suporte para continuar nesse meio.

Adilson aparece em boa parte do documentário ao mostrar sua casa, onde ensaia, relatar situações cotidianas e como a ação Evento pela Paz tem influência em sua vida.

Ao longo do documentário, especialistas das áreas de Geografia, Antropologia e Sociologia discorrem sobre as características físicas, socioeconômicas e culturais do Grajaú, sua influência sobre quem nele vive e como aspectos negativos podem conduzir parcela dessa população à criminalidade.

Em seguida, destaca-se a importância de movimentos sociais e de fomento à cultura em regiões como o Grajaú que, mesmo diante de dificuldades de infraestrutura precária, podem ser fontes de talentos e transformação social por meio da participação popular e dos recursos artísticos.

Ao falar da relevância desse tipo de ação, introduz-se o Evento pela Paz a partir do relato de fatos violentos que o originaram no ano 2000. Além disso, mostra-se como o movimento é organizado até hoje, de que forma suas decisões são tomadas, quem são os participantes-organizadores e o que o compõe (reuniões, festivais artísticos, o evento em si, etc.). O Evento pela Paz é um exemplo de ação que surgiu a partir de uma dificuldade e do desejo da população em amenizá-la.

Para finalizar, participantes do Evento pela Paz, especialistas, o idealizador do movimento e Adilson fazem um balanço desse tipo de ação ao longo dos dez anos em que foi realizado, qual o efeito proporcionado por conta disso e o que se esperar daí em diante.

5.4 Extensão virtual

O objetivo principal deste projeto é atingir o próprio público retratado em cada documentário, o que não significa que moradores de outras áreas não devam ter acesso ao mesmo conteúdo. Portanto, como forma de disseminar os ideais aqui apresentados, o projeto Periferia em Movimento dispõe de uma página na plataforma de blog Wordpress²⁴ e um perfil no serviço de microblogging Twitter²⁵.

O blog Periferia em Movimento (Figura 2) apresenta os objetivos do projeto, alguns dados sobre o Grajaú – distrito retratado na edição piloto – e traz informações de bastidores das gravações, como relatos sobre o que foi abordado por cada entrevistado, descrição de locais visitados, fotos e o passo a passo do grupo.

Também são levantadas questões gerais como a força de movimentos sociais na periferia, cenas cotidianas dessas regiões e problemas comuns vividos por seus moradores, além de questionar o recorte feito por parte da imprensa. Também são apontadas outras páginas que tratam de questões sociais e da cena cultural periférica. Desde julho de 2009, quando entrou no ar, até a conclusão deste relatório, a página foi acessada por cerca de 1000 internautas.

O blog trará novas informações sobre cada novo trabalho e continuará com cobertura ampla sobre o tema periferia.

No perfil do Twitter (Figura 3) são registradas mensagens de até 140 caracteres que pontuam os acontecimentos mais recentes, como próximas entrevistas, links de notícias sobre política e sociedade relatadas na imprensa e avisos de atualização do blog. Também lançado em julho, o perfil conta com cerca de 50 seguidores.

A iniciativa de expandir o projeto para o formato digital visa interagir com diferentes públicos, de qualquer parte do mundo, e ouvir desses internautas suas experiências, críticas e possíveis contribuições para a continuidade do projeto.

²⁴ Disponível em <<http://pt-br.wordpress.com/>>. Acesso em: 04 de novembro de 2009.

²⁵ Disponível em <<http://twitter.com/>>. Acesso em: 04 de novembro de 2009.

Figura 2 – PrintScreen do Blog Periferia em movimento²⁶

Início
Grajaú em dados
O que é PAZ pra você?
Sobre o projeto

Pesquisar

PERIFERIA EM MOVIMENTO

"A periferia se cansou de esperar a oportunidade que nunca chegava, e que vinha de fora, do centro" – Hermano Vianna

Feeds: Posts Comentários



Sociedade em reelaboração – parte I

02/11/2009 por Periferia em Movimento

Por quatro meses quase mil pessoas acompanharam o passo-a-passo do projeto "Periferia em Movimento" por meio desse blog. Dentro de um mês, mais ou menos, faremos a exibição pública do documentário "Grajaú na construção da paz" – e avisaremos por aqui, aguardem.

Mas não para aí. Esse é o primeiro de muitos que devem surgir e, por aqui, você vai acompanhar a preparação, fase de pesquisa e produção de cada um – além, é claro, de assuntos relacionados.



Rua no Pq. Residencial Cocaia, extremo sul de São Paulo e destino de muitos migrantes

Por conta disso, resolvemos nos aprofundar um pouco mais no conceito de periferia – algo que já abordamos anteriormente e agora voltamos com ideias de outros estudiosos.

OS DOCUMENTARISTAS

Somos Aline Rodrigues, Sueli dos Reis e Thiago Borges, concluintes do curso de Jornalismo pela Universidade de Santo Amaro, em São Paulo, e queremos registrar a ebulição de movimentos nas periferias brasileiras

SIGAM-NOS OS BONSI! @PERIFASEMOVE

RT: @rev_brasileiros: BALAIO DO KOTSCHO - Bela notícia: choque de bem-estar no trânsito paulistano: <http://migre.me/sABI> 1 day ago

RT: @vivafavela: A view from slum dwellers on Rio's drugs war <http://bit.ly/11QCsr> 1 day ago

RT: @viracao: Rap Dez em: Estado e religião: cada um no seu lugar! - por @marciobareldi - <http://bit.ly/3AkVIn> 1 day ago

RT: @viracao: Festival de Juventude: Qual é o seu jeito de mudar o mundo? <http://bit.ly/3PCwUo> 1 day ago

RT: @redebrasileira: Justiça Eleitoral cassa mais um vereador em SP <http://bit.ly/4oJOYj> 1 day ago valeu aos 389 internautas que

²⁶ Disponível em <<http://periferiaemmovimento.wordpress.com/>>. Acesso em: 04 de novembro de 2009.

Figura 3 – PrintScreen do Twitter @Perifasemove²⁷

twitter Login Join Twitter!

Hey there! **perifasemove** is using Twitter.

Twitter is a free service that lets you keep in touch with people through the exchange of quick, frequent answers to one simple question: What are you doing? **Join today** to start receiving **perifasemove's** tweets.

Join today!

Already using Twitter from your phone? [Click here.](#)

 **perifasemove**

Name Perifa em Movimento
Location São Paulo, SP, Brasil
Web <http://periferiae...>
Bio Projeto sobre movimentos sociais tocado por concluintes do curso de jornalismo

100 following 52 followers 2 listed

Tweets 94

Favorites

Following



View all...

 RSS feed of perifasemove's tweets

RT: [@rev_brasileiros](#): BALAIO DO KOTSCHÔ - Bela notícia: choque de bem-estar no trânsito paulistano: <http://migre.me/aA8l>
9:04 AM Nov 3rd from Echofon

RT: [@vivafavela](#): A view from slum dwellers on Rio's drugs war <http://bit.ly/1JQCsr>
9:04 AM Nov 3rd from Echofon

RT: [@viracao](#): Rap Dez em: Estado e religião: cada um no seu lugar! - por [@marciobaraldi](#) - <http://bit.ly/3AkVJn>
9:04 AM Nov 3rd from Echofon

RT: [@viracao](#): Festival de Juventude: Qual é o seu jeito de mudar o mundo? <http://bit.ly/3PCwUo>
9:03 AM Nov 3rd from Echofon

RT: [@redebrazilatual](#): Justiça Eleitoral cassa mais um vereador em SP <http://bit.ly/4oJOYj>
9:03 AM Nov 3rd from Echofon

²⁷ Disponível em <<http://twitter.com/perifasemove/>>. Acesso em: 04 de novembro de 2009.

5.5 Orçamento

Orçamento			
Função - Jornalistas	R\$ ⁽¹⁾	Referência	Total - R\$
01 – Editor-Chefe	2.365,52 (Por mês)	1 mês	2.365,52
02 – Editor de Texto	2.365,52 (Por mês)	1 mês	2.365,52
03 – Produção e Reportagem	2.365,52 (Por mês)	1 mês	2.365,52
Função - Radialistas	R\$ ⁽²⁾	Referência	Total - R\$
04 – Operador de Câmera (Cinegrafista)	250,00 (Diária - 6 horas)	1 mês (30 horas)	1.250,00
05 – Auxiliar de Câmera	839,95 (Por mês)	1 mês	839,95
06 – Editor de Imagem	500,00 (Diária - 6 horas)	1 mês (30 horas)	2.500,00
Aluguel de Equipamentos	R\$ ⁽³⁾	Referência	Total - R\$
07 – Câmera, microfone, sun-gun (luz), tripé	500,00 (Diária - 6 horas)	1 mês (30 horas)	2.500,00
08 – Ilha de Edição	100,00 (hora)	1 mês (30 horas)	3.000,00
09 – Operador de câmera	250,00 (Diária - 6 horas)	1 mês (30 horas)	1.250,00
Outros	R\$ ⁽⁴⁾	Referência	Total - R\$
10 – Fitas Mini DV	12,00 (1 unidades)	1 mês (30 unidades)	360,00
TOTAL			18.796,51

⁽¹⁾ Conforme piso salarial estabelecido pelo Sindicato dos Jornalistas do Estado de São Paulo (SJSP) com vigência para o período de 1º de junho de 2008 a 31 de maio de 2009 para profissionais de rádio e televisão na capital paulista.

⁽²⁾ Conforme piso salarial estabelecido pelo Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Radiodifusão e Televisão no Estado de São Paulo.

⁽³⁾ Fonte de valores: Produtora ENG9 – De José Carlos de Souza (Zeca). Os valores variam de acordo com a produtora.

⁽⁴⁾ Valor de mercado no atacado. Disponível em: <http://produto.mercadolivre.com.br/MLB-116900717-mini-dv-fita-p-filmadora-sony-cxa-c-5-un-melhor-compra-_JM>. Acesso em: 04 mar. 2009

5.6 Distribuição do documentário

Além de protagonistas, os moradores de periferia são o público alvo deste projeto. Portanto, para atingi-los optou-se não só pelo modelo mais difundido, o audiovisual, como também por uma divulgação alternativa aos meios tradicionais, como a televisão, por exemplo. Este tipo de divulgação consiste em produzir o documentário em parceria com os comerciantes do distrito em questão, parceria esta que está relacionada a apoio financeiro e distribuição direta por parte dos próprios comerciantes. No filme seriam dados os créditos de apoio à empresa que se tornasse parceira do projeto.

A divulgação e distribuição dos exemplares do documentário ficam por conta dos próprios comerciantes, que, ao investirem no projeto, recebem cópias do documentário para oferecê-las da maneira mais propícia a seus clientes, moradores do distrito. O documentário não poderá ser vendido como produto, mas ser distribuído por meio de promoções, sorteios ou amostras gratuitas. Essas condições serão especificadas por meio de contrato firmado entre as duas partes, os produtores do documentário e a empresa parceira.

Desta forma o documentário deve chegar ao público de maneira pulverizada, distribuído por diversos segmentos de mercado presentes no distrito.

5.7 Pesquisa de mercado

A pesquisa de mercado foi realizada em setembro de 2009 com uma amostra de cem comerciantes do Grajaú. A principal questão da pesquisa, ou seja, sua pergunta-chave, procura analisar se esta forma de distribuição alternativa é viável e possível com base na aceitação dos comerciantes em aderir à proposta de investir no projeto de produção de documentário sobre movimentos sociais no distrito tornando-se assim parceiros do projeto.

A pergunta chave da pesquisa que determinou a viabilidade da distribuição alternativa foi: Sua empresa investiria em um projeto de produção de um documentário que fala sobre os movimentos sociais e culturais do seu bairro/distrito?

Para a pesquisa elaborou-se uma tabela (Tabela 1) de valores correspondentes ao investimento, que contempla valores de R\$ 100,00 a R\$ 5.000,00 ou mais, valores somente para mensurar o interesse dos comerciantes no projeto. Os valores foram apurados com base no orçamento de produção do documentário e são de livre escolha pelo responsável financeiro do estabelecimento comercial a partir de suas possibilidades.

Tabela 1

Tabela de Valores para Investimento
Até R\$ 100,00
De R\$ 101,00 a R\$ 500,00
De R\$ 501,00 a R\$ 1.000,00
De R\$ 1.001,00 a R\$ 2.000,00
De R\$ 2.001,00 a R\$ 5.000,00
Acima de R\$ 5.000,00

5.7.1 Modelo de Formulário

QUESTIONÁRIO – EMPRESAS DO GRAJAÚ	
Data da entrevista: ____/____/____	
Nome / Razão Social da empresa: _____	
1. Qual o ramo de atuação da empresa?	
<input type="checkbox"/> combustíveis e lubrificantes <input type="checkbox"/> livros, jornais, revistas e papelaria <input type="checkbox"/> tecidos, vestuário e calçados <input type="checkbox"/> artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos <input type="checkbox"/> móveis e eletrodomésticos <input type="checkbox"/> hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo <input type="checkbox"/> equipamentos e material para escritório, informática e comunicação. <input type="checkbox"/> veículos e motos, partes e peças <input type="checkbox"/> material de construção <input type="checkbox"/> outros artigos de uso pessoal e doméstico; <input type="checkbox"/> Outros (especificar) _____ <input type="checkbox"/> não sabe / não respondeu	
2. A empresa tem CNPJ ou IE (Inscrição Estadual)?	
<input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não	
3. Quantos funcionários a empresa tem?	
<input type="checkbox"/> 1 a 9 <input type="checkbox"/> 10 a 49 <input type="checkbox"/> 50 a 99 <input type="checkbox"/> 100 ou mais <input type="checkbox"/> não sabe / não respondeu	
4. Quantas unidades a empresa possui no total?	
<input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 a 5 <input type="checkbox"/> acima de 5 <input type="checkbox"/> não sabe / não respondeu	
5. Quantas unidades da empresa ficam no Grajaú?	
<input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 a 5 <input type="checkbox"/> acima de 5 <input type="checkbox"/> não sabe / não respondeu	
6. Qual a importância que sua empresa atribui a um projeto audiovisual que retrate os movimentos sociais e culturais presentes no distrito onde atua?	
<input type="checkbox"/> nenhuma importância <input type="checkbox"/> média importância <input type="checkbox"/> total importância <input type="checkbox"/> pouca importância <input type="checkbox"/> muita importância	
7. Você assistiria a um documentário que retrate movimentos sociais e culturais do distrito onde atua?	
<input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não <input type="checkbox"/> não sabe / não respondeu	
8. Sua empresa investiria em um projeto para produzir um documentário que fale sobre os movimentos sociais e culturais do distrito onde atua? (se a opção for “não”, o questionário termina aqui)	
<input type="checkbox"/> sim, desde que o nome da empresa estivesse vinculado ao projeto <input type="checkbox"/> sim, desde que nome da empresa não estivesse vinculado ao projeto <input type="checkbox"/> sim, em qualquer hipótese <input type="checkbox"/> não <input type="checkbox"/> não sabe / não respondeu	
9. Quanto sua empresa investiria nesse projeto?	
<input type="checkbox"/> até R\$ 100,00 <input type="checkbox"/> de R\$ 100,00 a R\$ 500,00 <input type="checkbox"/> de R\$ 500,00 a R\$ 1000,00 <input type="checkbox"/> de R\$ 1000,00 a R\$ 2000,00 <input type="checkbox"/> de R\$ 2000,00 a R\$ 5000,00 <input type="checkbox"/> acima de R\$ 5000,00 <input type="checkbox"/> não sabe / não respondeu	
10. Sua empresa assumiria o compromisso de distribuir as cópias do documentário a partir do seu ponto comercial localizado no distrito?	
<input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não <input type="checkbox"/> não sabe / não respondeu	

5.7.1.1 Tabulação

TABULAÇÃO PESQUISA E DISTRIBUIÇÃO			
Questão	Alternativas	Respostas	Porcentagem
Ramo de atuação	combustíveis e lubrificantes	1	1%
	livros, jornais, revistas e papelaria	1	1%
	tecidos, vestuário e calçados	12	12%
	artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos	11	11%
	móveis e eletrodomésticos	10	10%
	hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	19	19%
	equipamentos e material para escritório, informática e comunicação.	10	10%
	veículos e motos, partes e peças	4	4%
	material de construção	13	13%
	outros artigos de uso pessoal e doméstico;	2	2%
	Outros	17	17%
TOTAL		100	100%
CNPJ	Sim	92	92%
	Não	8	8%
	TOTAL	100	100%
Nº de Funcionários	1 a 9	66	66%
	10 a 49	22	22%
	50 a 99	3	3%
	100 ou mais	7	7%
	não sabe/não respondeu	2	2%
	TOTAL	100	100%
Nº de Unidades/Total	1	62	62%
	2 a 5	28	28%
	acima de 5	8	8%
	não sabe/não respondeu	2	2%
	TOTAL	100	100%
Nº de unidades/Grajaú	1	82	82%
	2 a 5	14	14%
	acima de 5	2	2%
	não sabe/não respondeu	2	2%
	TOTAL	100	100%
Atribuição de Importância	nenhuma importância	17	17%
	pouca importância	17	17%
	média importância	30	30%
	muita importância	22	22%
	total importância	11	11%
	não sabe/não respondeu	3	3%
	TOTAL	100	100%
Assistiria ao documentário	sim	87	87%
	não	11	11%
	não sabe/não respondeu	2	2%
	TOTAL	100	100%
Investimento	sim, desde que o nome da empresa estivesse vinculado ao projeto	45	45%
	sim, desde que o nome da empresa não estivesse vinculado ao projeto	0	0%
	sim, em qualquer hipótese	27	27%
	não	24	24%
	não sabe/não respondeu	4	4%
	TOTAL	100	100%
Quanto investiria	até R\$ 100,00	48	48%
	De R\$ 101,00 a R\$ 500,00	16	16%
	De R\$ 501,00 a R\$ 1.000,00	4	4%
	De R\$ 1.001,00 a R\$ 2.000,00	0	0%
	De R\$ 2.001,00 a R\$ 5.000,00	1	1%
	Acima de R\$ 5.000,00	0	0%
	Não sabe / não respondeu	7	7%
	Não investiria	24	24%
	TOTAL	100	100%
A empresa distribuiria	sim	69	69%
	não	2	2%
	não sabe/não respondeu	5	5%
	Não investiria	24	24%
	TOTAL	100	100%

5.7.1.2 Resultados Analíticos – Gráficos

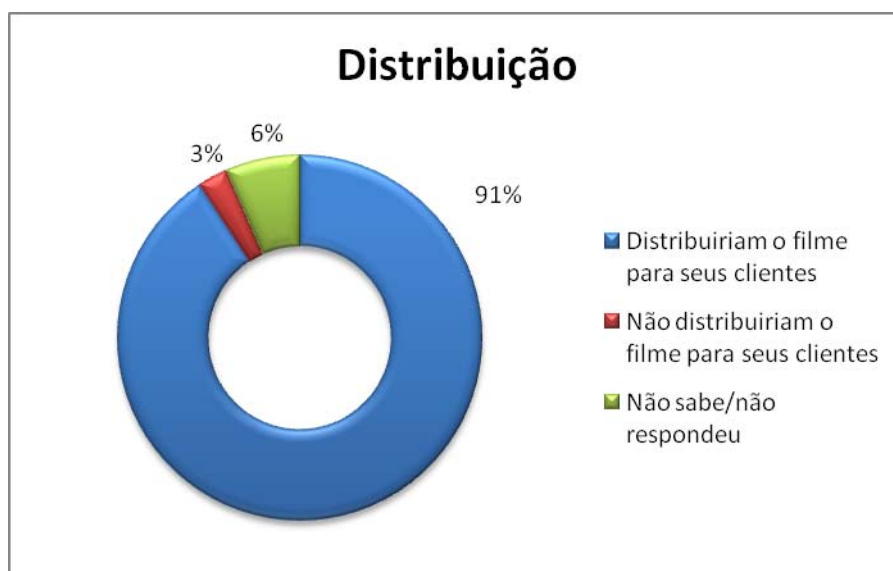
Os resultados se mostraram favoráveis à distribuição alternativa. Dos cem entrevistados, representantes de pontos comerciais do Grajaú distribuídos ao longo da Av. Belmira Marin que corta o distrito, 70% investiriam no projeto.



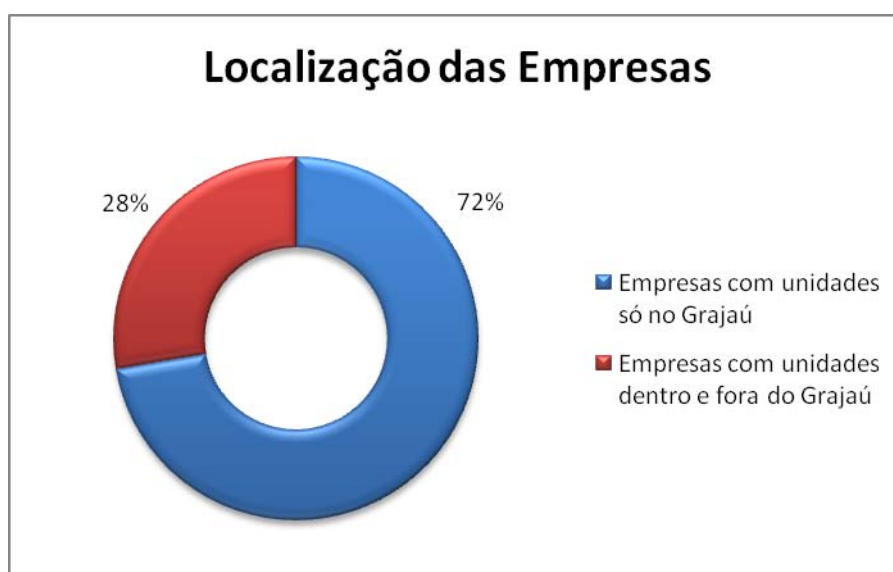
Com relação a valores, 63% dos que investiriam destinariam até R\$ 100,00 para a produção do documentário.



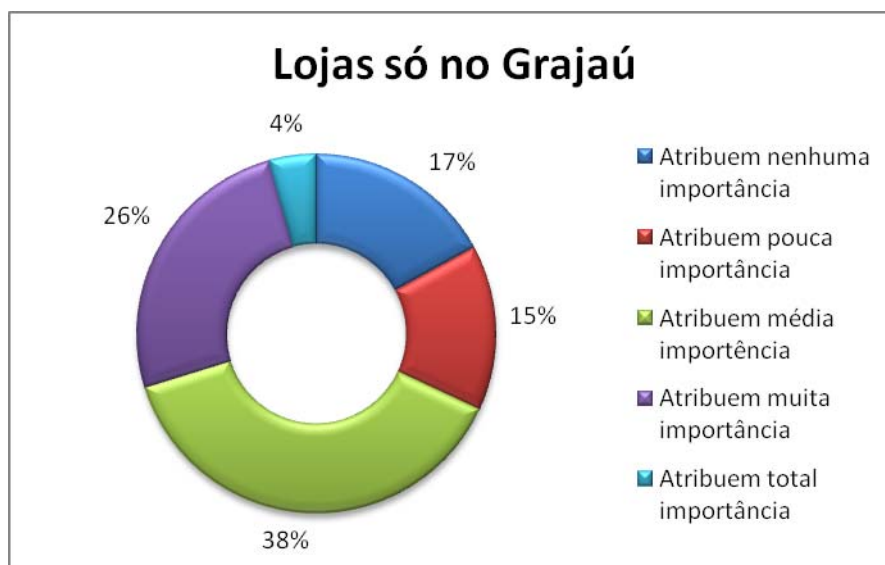
A distribuição do filme seria realizada por 97% dos optantes em investir no projeto.



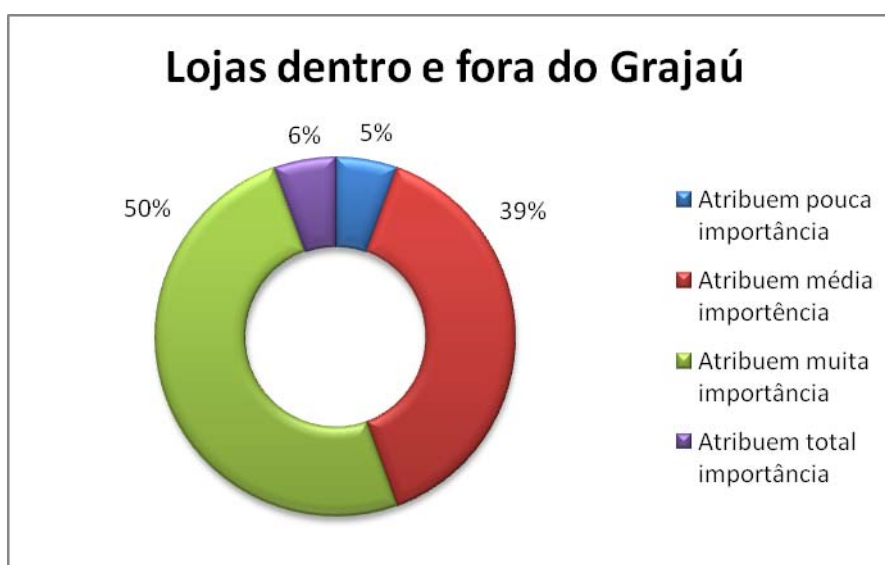
Das empresas que investiriam 72% têm unidades somente no Grajaú.



Das empresas que atuam exclusivamente no distrito, 68% atribuem de média a total importância a um projeto audiovisual que retrate movimentos sociais e culturais presentes no distrito onde atuam.



Já entre as empresas com unidades tanto dentro quanto fora do distrito, apenas 5% atribuem pouca importância a este tipo de projeto.



Entre os comerciantes que não investiriam 42% dos entrevistados atribuem de média a total importância ao projeto.



6. METODOLOGIA

Foram utilizados para o desenvolvimento deste projeto os seguintes procedimentos de metodologia:

Para delimitar o objeto de estudo deste trabalho, procurou-se informações sobre movimentos sociais em obras de Sociologia, Antropologia, História e Psicologia para entender, inicialmente, a força de sua representação no meio em que acontecem – no caso deste projeto, as periferias brasileiras. Essas, aliás, foram alvo de uma nova pesquisa bibliográfica com o objetivo de entender como se formou tal conceito e sua estrutura social, quais suas principais características e consultou-se as estatísticas que tornam essa realidade passível de se mensurar.

Além disso, bibliografias foram consultadas para buscar como esses cenários são mostrados pela imprensa brasileira e qual a responsabilidade jornalística em alterar esse padrão.

Para definição de formato foram consultados dados de mercado em documentos oficiais (estatísticos) – sobre cada tipo de mídia, conforme seu grau de abrangência – optou-se por documentário que possibilita atingir um público maior. Foram consultados (assistidos) documentários para conhecer e identificar a linguagem mais adequada a ser utilizada.

Foram consultadas bibliografias específicas da área do Jornalismo como Teoria da Comunicação, Teoria do Jornalismo, Comunicação Comparada, ética e Legislação para guiar todo o processo de produção deste relatório técnico e do documentário alinhado aos princípios e os objetivos da profissão.

A coleta de informações para com os entrevistados foi orientada por roteiro utilizando-se de técnicas jornalísticas como desenvolvimento de pautas para entrevistas, gravações e padrões de captação de imagem. O método utilizado no levantamento das informações foi pesquisa qualitativa, visto a necessidade de mensurar as particularidades do Grajaú e de seus moradores para o desenvolvimento de um produto que leve em consideração a diversidade sócio-cultural da região.

Para realização do documentário foi definida qual ação social com atuação em periferia seria retratada e, a partir de então, foram procurados seus

idealizadores, organizadores e participantes desse movimento para que contassem sua história por meio de entrevistas.

Para contextualizar a ação com a realidade do distrito, procurou-se informações estatísticas sobre o local e também ouvir alguns de seus moradores. Foram realizadas diversas entrevistas com moradores dos vários bairros do Grajaú para identificar personagens em potencial. Dessa forma, foi possível visualizar as principais deficiências da região e identificar a contribuição dada pelo Evento pela Paz no combate a essas deficiências, para, assim, definir o roteiro do documentário e capturar imagens e entrevistas que melhor representassem as características dessa atmosfera retratada. Essas informações foram coletadas com moradores dos bairros Residencial Cocaia, Jardim Gaivotas, Cantinho do Céu, Parque Residencial dos Lagos ou Lago Azul, Jardim Prainha, Montes Verdes e Jardim Eliana, todos no Grajaú para ilustrar as diferentes carências locais.

Antropólogos, geógrafos e comunicadores contribuíram com uma análise especializada desse contexto por meio de entrevistas.

As entrevistas não seguiram um padrão pré-estabelecido e seu formato variaram conforme o assunto (pauta) abordado bem como o desenvolvimento da conversa, guiadas por perguntas abertas pré-estabelecidas, mas que poderia apontar para diferentes rumos. Porém, todas elas giraram em torno da temática proposta: movimentos sociais e seu efeito na realidade da periferia. A maior parte das entrevistas - com exceção às feitas com os moradores locais – eram agendadas com antecedência e, na maior parte das vezes, foram feitas em locais que expressassem a realidade do bairro.

Com as gravações concluídas, utilizou-se o roteiro para direcionar a decupagem (seleção de imagens e sonoras) e edição do documentário. A escolha das cenas e sonoras que melhor se encaixavam dentro do que foi proposto para chegar ao produto final.

Para identificar a viabilidade econômica do documentário com uma distribuição alternativa, foi desenvolvido um questionário para realização de pesquisa quantitativa. O questionário visou identificar o interesse dos comerciantes locais em contribuir financeiramente com esse projeto. Após tabulação da pesquisa, os dados foram analisados e cruzados para melhor interpretação e avaliação do resultado.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O povo da periferia quer conquistar o seu lugar, mas não longe de onde sempre viveu. Pelo contrário. Esse povo assume suas próprias origens e características e onde antes predominava a vergonha hoje há espaço para o orgulho.

Enquanto uma parcela já tinha consciência disso há algum tempo, outros têm agora a oportunidade de notar isso. Quem pensa que o centro tem de tudo e quase tudo está no centro, engana-se. Nas bordas das grandes cidades, uma classe – que é maioria – emerge. E isso se mostra cada vez mais forte.

Os movimentos sociais refletem essa transformação ao questionar a estrutura vigente e, ao mesmo tempo, assumir o papel de supridor de necessidades de forma adequada ao que precisa a comunidade. Atuação segmentada, mais focada. Sem padrões aplicados para diferentes públicos, até porque muitas vezes são estruturados pelos próprios moradores.

Esses movimentos funcionam como ponto de partida para os envolvidos neles. Tais ações influenciam os indivíduos ou grupos por elas abrangidos como pontapé inicial para mudanças comportamentais, intelectuais e sociais.

As transformações sociais, psicológicas, familiares e profissionais dependem das concepções de cada indivíduo e da estrutura social em que está inserido. Uma vez influenciados esses indivíduos têm a opção de se unirem pelo mesmo objetivo para que seus anseios particulares ganhem força com a coletividade e se tornem algo tangível.

Não influenciados ou sequer atingidos por essas ações – e longe do poder público – parte desses indivíduos da periferia, sem aporte financeiro, social ou cultural, encontra na violência e na criminalidade – características inerentes das periferias brasileiras – meios de se apresentar e ser reconhecida como integrante de uma sociedade.

Não há dados estatísticos que provem que as ações sociais realizadas em periferias de São Paulo e do Brasil desenvolvam resultados positivos e definitivos em toda a sociedade atingida. Mas é fato que agem como incentivo, como alternativa para a atuação na periferia e posteriormente fora dela.

Desta forma, o Jornalismo é a ferramenta para a disseminação dessas boas notícias, para contar histórias que valham a pena de forma ética e que ajude a promover novas ações para o bem comum e atitudes solidárias que contribuam para a formação de uma sociedade mais justa e democrática.

8 CRONOGRAMA

8.1 Cronograma 2008

1º SEMESTRE 2008	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maiο	Junho
Escolha do Tema				x		
2º SEMESTRE 2008	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
Formação definitiva do grupo	x					
Definição do Produto					x	
Sondagem para orientação						x
Reuniões quinzenais do grupo		x	x	x	x	x

8.2. Cronograma 2009

1º SEMESTRE 2009	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maió	Junho
Pesquisa bibliográfica	x	x	x	x	x	x
Estudo do caso / Pesquisa de campo	x	x	x	x	x	x
Definição de orientador			x			
Orientação			x	x	x	x
Elaboração do Pré-Projeto			x	x		
Entrega do Pré-Projeto				x		
Desenvolvimento do material para Pré-Banca				x	x	
Elaboração de pautas				x	x	x
Contatos com fontes	x	x	x	x	x	x
Roteiro				x	x	x
Entrega do material para pré-banca						x
Pré Banca						x
Gravação			x	x	x	x
Decupagem					x	x
Entrevistas			x	x	x	x
2º SEMESTRE 2009	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
Gravação	x	x				
Entrevistas	x	x				
Orientação		x	x	x	x	x
Roteiro	x	x				
Decupagem	x	x				
Edição		x	x			
Revisão bibliográfica	x	x	x			
Revisão geral				x		
Entrega para banca					x	
Data de divulgação para apresentar o TCC					x	
Apresentação do Projeto para Banca					x	x

9 REFERÊNCIAS

9.1 Bibliografias

ABRAMOVAY, Miriam et al. **Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para as políticas públicas**. 1. ed. Brasília: UNESCO, BID, 2002.

BARBAN, Vilma. **Fortalecimento da sociedade civil em regiões de extrema pobreza**. 1. ed. São Paulo: Polis Estudos, Formação e Assessoria em Políticas Sociais, 2003.

BUCCI, Eugênio. **Sobre Ética e Imprensa**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

CASTRO, Mary. **Cultura, lazer, esporte e cidadania com jovens em situações de pobreza**. Cultivando vida, desarmando violências: experiências em educação. UNESCO, 2005.

DAGNINO, Evelina. Os movimentos sociais e a emergência de uma nova noção de cidadania. In: DAGNINO, Evelina. **Os anos 90: política e sociedade no Brasil**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1994.

KANT, Immanuel. **Para a paz perpétua**. Tradução: Bárbara Kristensen. Rianxo: Instituto Galego de Estudos de Segurança Internacional e da Paz, 2006.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os Elementos do Jornalismo: O que os jornalistas devem saber e o público exigir**. 2 ed. São Paulo: Geração Editorial, 2004.

MOISÉS, José Álvaro et al. **Contradições Urbanas e Movimentos Sociais**. Rio de Janeiro: Co-edições CEDEC/ Editora Paz e Terra, 1985.

NICHOLS, Bill. **Introduction to documentary**. 3. ed. Tradução: Mônica Saddy Martins. Campinas: Papyrus, 2005.

OSÓRIO, Luiz Carlos. **A violência nossa de cada dia**: da aceitação contemplativa à indignação transformadora. Florianópolis: Grupos/Espaço Editorial, 2001.

PONCIANO, Levino. **São Paulo: 450 anos, 450 bairros**. São Paulo: Senac São Paulo, 2004.

RAMOS, Sílvia. PAIVA, Anabela. **Mídia e violência**: novas tendências na cobertura de criminalidade e segurança no Brasil. Rio de Janeiro: Luperj, 2007.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro**: A formação e o sentido do Brasil. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

WASELFISZ, Julio Jacobo; ALTHIAS, Gabriela. **Mapa da Violência de São Paulo**. Brasília: UNESCO, 2005.

9.2 Trabalhos de conclusão de curso (monografias)

SPINA, Eliane da Silva, REIS, Sebastiana Martina dos, SOUZA, Zilda Novaes de. **Centro de defesa dos direitos da criança e do adolescente**: Cedeca na região do Jardim Ângela como estratégia de combate à violência física da infância e na adolescência. 2006. 74 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação) – Faculdade de Serviço Social, Universidade de Santo Amaro, São Paulo, 2006.

9.3 Monografia em meio eletrônico

FLEURI, Reinaldo Matias. **Educação intercultural e movimentos sociais:** implicações epistemológicas e pedagógicas. Universidade Federal de Santa Catarina: 1999. Disponível em:

<http://www.mover.ufsc.br/pdfs/FLEURI_1999_EI_movimentos_sociais.pdf>. Acesso em: 27 mai. 2009.

MARICATO, Ermínia. **Metrópole na periferia do capitalismo:** ilegalidade, desigualdade e violência. São Paulo: 1995. Disponível em:

<http://www.usp.br/fau/deprojeto/labhab/biblioteca/textos/maricato_metrperif.pdf>. Acesso em: 03 ago. 2009.

OLIVEIRA, Ariana Bazzano de. **O Percorso do Conceito de Paz:** de Kant à atualidade. Londrina: 2007. Disponível em:

<http://www.google.com.br/url?sa=t&source=web&ct=res&cd=1&ved=0CAYQFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.santiagodantassp.locaweb.com.br%2Fbr%2Fsimp%2Fartigos%2Fbazzano.pdf&ei=aGfiSumsA4aj8AaAga3qAQ&usg=AFQjCNEoyl0wjuTIsLhMV8jefbbZKD_Q&sig2=tpLYDbprBw_TtmnG8rqQlw>. Acesso em: 19 jul. 2009.

9.4 Periódicos

PARISE, Paolo. Uma iniciativa pastoral a serviço da paz. **Revista Espaços**, São Paulo, v. 11, n. 1/11, p. 71-83, jan./jun. 2003.

9.5 Entidades coletivas em meio eletrônico (órgãos do governo, empresas, associações etc.)

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS. **Circulação Diária**. Brasília, 2009.

Disponível em: <<http://www.anj.org.br/a-industria-jornalistica/jornais-no-brasil/circulacao-diaria>>. Acesso em: 10 set. 2009.

IBOPE. **Internet no Brasil cresceu 10% no mês de julho**. Ibope, 21 ago. 2009.

Disponível em:

<<http://www.ibope.com.br/calandraWeb/servlet/CalandraRedirect?temp=5&proj=PortallIBOPE&pub=T&db=cald&comp=Noticias&docid=62A33B253477B58783257619004BD15C>>. Acesso em: 10 out. 2009.

SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Turismo. **São Paulo Minha Cidade**: Grajaú.

São Paulo, 2009. Disponível em:

<http://www.saopaulominhacidade.com.br/bairros_grajau.asp>. Acesso em: 10 dez. 2008.

SÃO PAULO. SP Turis. **São Paulo em Números**. São Paulo, 17 ago. 2008,

atualizado em 13 jan. 2009. Disponível em:

<<http://www.cidadedesapaulo.com/sp/br/sao-paulo-em-numeros>>. Acesso em: 11 abr. 2009.

SÃO PAULO. Subprefeitura da Capela do Socorro. **Aspectos Demográficos**. São Paulo, 2009. Disponível em:

<http://portal.prefeitura.sp.gov.br/subprefeituras/spcs/dados/aspectos_demograficos/0001>. Acesso em: 19 out. 2009.

SÃO PAULO. Subprefeitura da Capela do Socorro. **Aspectos Físico-territoriais**.

São Paulo, 2009. Disponível em:

<http://portal.prefeitura.sp.gov.br/subprefeituras/spcs/dados/aspectos_fisicos/0001>. Acesso em: 11 abr. 2009.

SÃO PAULO. Subprefeitura da Capela do Socorro. **Conheça um pouco da História de Capela do Socorro**. São Paulo, 2009. Disponível em:

<<http://portal.prefeitura.sp.gov.br/subprefeituras/spcs/dados/historico/0001>>. Acesso em: 11 abr. 2009.

SÃO PAULO. Subprefeitura da Capela do Socorro. **Informações sobre os distritos da Subprefeitura Capela do Socorro**. São Paulo, 2009. Disponível em:

<<http://portal.prefeitura.sp.gov.br/subprefeituras/spcs/dados/0001>> Acesso em: 19 out. 2009.

SÃO PAULO. Subprefeitura da Capela do Socorro. **Observatório Cidadão:**

Movimento Nossa São Paulo, 2009. Disponível em:

<<http://www.nossasaopaulo.org.br/observatorio/regioes.php?regiao=31>>. Acesso em: 19 out. 2009.

SEBRAE, Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. **Diferenças entre Associações e Cooperativas**. São Paulo, 2009. Disponível em:

<<http://www.sebraemg.com.br/culturadacooperacao/associacoes/02.htm>>. Acesso em: 30 mar. 2009.

9.6 Artigo em meio eletrônico

PALLONE, Simone. **Diferenciando subúrbio de periferia**. Cienc. Cult. São Paulo v.57 no.2 abr./jun. 2005. Disponível em:

<http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252005000200006&script=sci_arttext>. Acesso em: 27 mai. 2009.

VIANNA, Hermano. **Central da Periferia**. Diversos, 08 abr. 2006. Disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/download_banco/central-da-periferia-texto-de-divulgacao>. Acesso em: 09 abr. 2009.

9.7 Artigo de jornal

DANTAS, Fernando. Menos jovens e armas explicam queda de homicídios em São Paulo. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 13 jul. 2009. Metrópole, p. 4B.

9.8 Artigo de jornal em meio eletrônico

BRITO, Diana. População de São Paulo ultrapassa 11 milhões, diz IBGE. **Folha Online**, São Paulo, 14 ago. 2009. Disponível em:
<<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u609690.shtml>>. Acesso em: 31 ago. 2009.

GALLO, Ricardo; GALVÃO, Vinícius. Centro expandido perde “uma Santos” em 11 anos. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 18 fev. 2008. Disponível em:
<<http://www.nossasaopaulo.org.br/portal/node/255>>. Acesso em: 12 dez. 2008.

PENTEADO, Gilmar. A cada assassinato em Moema, 130 são mortos no Grajaú. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 23 jan. 2008. Disponível em:
<<http://www.nossasaopaulo.org.br/portal/node/129>>. Acesso em: 10 fev. 2009.

BARROS, Mariana. Morador diz que vida melhorou, apesar da violência e da pobreza. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 7 set. 2008. Disponível em:
<<http://www.nossasaopaulo.org.br/observatorio/DnaPaulistanoExtremoSul.pdf>>. Acesso em: 11 abr. 2009.

CARNEIRO, Lucianne. Pnad 2008: Telefone, celular e acesso à internet estão em mais lares, mas quase 8% das casas ainda não têm geladeira. **O Globo Online**, Rio de Janeiro, 18 set. 2009. Disponível em:
<<http://201.7.176.88/economia/mat/2009/09/18/pnad-2008-telefone-computador-acesso-internet-estao-em-mais-lares-mas-quase-8-das-casas-ainda-nao-tem-geladeira-767669305.asp>>. Acesso em: 08 nov. 2009.

GOLLO, Luiz Augusto. Brasileiro ainda lê pouco, constata estudo da Câmara do Livro. **Agência Brasil**, Rio de Janeiro, 08 set. 2009. Disponível em: <<http://www.agenciabrasil.gov.br/noticias/2009/09/08/materia.2009-09-08.2781527175/view>>. Acesso em: 08 nov. 2009.

MORAES, Diego. Levantamento do IBGE mostra Brasil com famílias menores e mais pessoas morando sozinhas. **Correio Braziliense**, Brasília, 19 set. 2009. Disponível em: <<http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia182/2009/09/19/brasil,i=143110/LEVANTAMENTO+DO+IBGE+MOSTRA+BRASIL+COM+FAMILIAS+MENORES+E+MAIS+PESSOAS+MORANDO+SOZINHAS.shtml>>. Acesso em: 10 out. 2009.

9.9 Documentos sonoros: CD

TITÃS, Acústico MTV. (Paulo Miklos). **Comida**. Rio de Janeiro: MTV Warner Chappell, 1997, 1 CD. (71 min.).

10 ANEXOS

10.1 Modelo de Autorização de Imagem



TERMO DE COMPROMISSO DE CESSÃO DE DIREITOS DE PARTICIPAÇÃO INDIVIDUAL

Pelo presente instrumento particular, _____

portador(a) da Carteira de Identidade RG nº _____ e do CIC nº _____, na qualidade de CEDENTE, cede ao CANAL UNIVERSITÁRIO DE SÃO PAULO, inscrito no CNPJ sob o nº 03.656.684-0001/10, com sede nesta Capital, na Rua Blantina Ratto nº 40 – bairro do Butantã, na qualidade de CESSIONÁRIO, os direitos de publicação, difusão, rádio difusão e/ou exibição pública e/ou privada, de sua participação individual, compreendendo imagem, voz, nome em artes e obra, nas gravações, reproduções em vídeo, inclusive pelo sistema home-vídeo, transmissões ao vivo e pré-gravadas por televisão, rádio ou internet, e quaisquer outras, do programa _____ da série _____ e nas obras dela derivadas do qual é participante, podendo ser veiculado não só por ocasião do evento acima especificado, mas também, sem qualquer modalidade de restrição, pelos canais de televisão aberta ou fechada, rádios de qualquer frequência, inclusive de circuito interno, internet e por qualquer meio de comunicação existente ou que venha a ser criado, inclusive em eventos abertos ou fechados, de qualquer natureza.

A presente cessão é outorgada em caráter definitivo, irrevogável e irrevogável, para uso irrestrito dos programas da referida série, sendo certo que o(a) CEDENTE abre mão de toda e qualquer remuneração pelo uso da citada obra, a título de participação individual, ficando o CESSIONÁRIO expressamente autorizado pelo CEDENTE a reproduzir o programa acima especificado, por qualquer meio, inclusive VHS, DVD, CD-Rom, CD-Television, audiotape e outros, sem qualquer exceção, bem como alienar, pelos meios próprios, os direitos ora cedidos, mediante o pagamento em espécie,

permuta, doação, etc., não tendo o CEDENTE, também nesta hipótese, nada a receber, pedir, ou reclamar, independentemente do valor ou forma de alienação, oferecendo, para tal, desde já, plena e rasa quitação, ficando todo o produto auferido, seja de que natureza for, integral e exclusivamente a favor e de propriedade do CESSIONÁRIO.

Pela presente cessão as partes, inclusive por seus eventuais sucessores, de maneira recíproca, de forma irrevogável e irrevogável, em face do todo supra avençado, oferecem a mais ampla e geral quitação, nada tendo a pedir ou reclamar, seja a que título for, inclusive no que diz respeito ao direito de imagem ou eventual pleito de dano moral ou material.

São Paulo, de _____ de 2009

10.2 Roteiro do documentário Grajaú na construção da paz

Projeto: Periferia em Movimento	
Roteiro do Documentário Piloto: Grajaú na construção da Paz	
Imagens das sonoras	SONORA Ivone - Estou no Grajaú há 24 anos, conheço ele de cabo a rabo.
	SONORA Edilson - Nos hospitais né, os atendimentos são muito demorado né.
	SONORA Nésia - Tô feliz com o bairro pela a... o progresso que ele vem vindo fazendo né. Através do Circo Escola beneficiando várias crianças.
	SONORA Eliel - Tem áreas de lazer que foi criada aqui. O próprio CEU que é uma coisa inédita para gente aqui.
	SONORA Diego - Muitas vezes uma pessoa começa a passar para os jovens uma aula de capoeira, ginástica, futebol, mas não leva adiante, acaba parando.
	SONORA José - Se fosse "pra mim" dar uma nota nisso aqui, eu daria dois ou três, o resto é o que falta tudo.
	SONORA Paulo Roberto - E os córregos da favela que tão sem canalizar né. Tá a Deus dará aí, tudo cheio de lixo.
	SONORA Gilberto - Então, meu, é só legalizar isso aqui, cara. Entendeu. É só fazer uma melhoria aqui pra gente. O resto a gente se vira.
	SONORA Irenildo - O pessoal tá sofrendo muito no transporte porque o transporte aqui é caótico.
	SONORA Sandra - Falta muita coisa aqui, muita, muita, muita mesmo. Quer que eu fale mais gente, não posso, não posso falar mais.
	SONORA Deusilene - Hoje o jovem "tão" morrendo primeiro que o idoso. "Modo" a droga, "modo" a bebida, "modo" o roubo, assalto.
	SONORA Sérgio - Tirando a violência "pra" mim o resto tá tudo bem né porque até a violência diminuiu aqui no Grajaú.
	SONORA Irenildo - Antes era o bairro mais perigoso que tinha aqui, muito violento. Mas hoje tá tranquilo, entendeu.
	Sobe Trilha "Até quando Senhor"
LOGO Átomo Multimídia	
GC: apresenta	
LOGO Periferia em Movimento	
Clipe 1: Imagens do Grajaú	
BLACK + GC: Grajaú na Construção da Paz	
GC: Adilson Cerqueira de Oliveira, ator	
Imagem Adilson descendo rua	
BLACK + GC: O Grajaú é o distrito mais populoso do município de São Paulo. São quase 500 mil habitantes, 52% têm entre 1 e 29 anos. (Censo IBGE, 2000.)	
Mosaico de Adilson + OFF Adilson	
BLACK + GC: A cada 15 homicídios registrados na cidade, 1 acontece no distrito do Grajaú. (Folha de S.Paulo, 2 de dezembro de 2007)	
GC: Pe. Paolo Parise missionário	
GC: Maria Luiza Rozatti geógrafa e ex-moradora do Grajaú	
Imagens - represa, balsa	

Imagens da sonora
Imagem Adilson caminhando + Vilma Barban
Imagens da sonora
GC: Alexandre Barbosa Pereira antropólogo do NAU-USP Imagem Adilson caminhando + Alexandre
Adilson em frente da casa
Adilson no quintal de casa
Adilson no quarto
Adilson saindo do quarto para a cozinha
Clipe 2: Sobe Trilha O homem estragou tudo. Imagens do Grajaú P/B
Imagens das sonora
Imagens crianças jogando bola + Alexandre
Imagens das sonoras
Imagens das sonoras
Imagens das sonoras
Imagens das sonoras
GC: Vilma Barban coordenadora do Instituto Pólis + Imagem apresentações dos festivais
GC: Paulo Henrique Mendes ator do grupo Identidade Oculta
Imagens de peças de teatro durante
Imagens das sonoras
Alexandre + imagens Festival de Dança do Evento pela Paz no Grajaú 2009
Imagens das sonoras

SONORA Adilson - Ah... Essa aqui é minha casa, "tá" chegando já.
SONORA Vilma - Você que é morador lá sabe: quer dizer, você tem uma área bem beneficiada, que as pessoas de alguma forma já tão empregada, tem acesso a escola e uma enorme área que é para onde vai empurrado quem não tem nada.
SONORA Adilson - É escondido né.
Ao falar sobre o bairro, assim como o Grajaú ou como outras periferias, acho que o primeiro impacto é olhar aquela quantidade de casinhas construídas com tijolo a vista, pode te dar um impacto de um lugar homogêneo, de um lugar precário. Mas aí o olhar, acho que esse é coisa do olhar do antropólogo, é querer ter a curiosidade de ir para dentro, né, porque o olhar de longe pode ser só o olhar exótico que homogeneiza.
SONORA Adilson - Vamos entrar...Vamos entrar...Vamos entrar.
Vamos para o meu canto. Vamos lá. Vocês já "tão" vendo algumas roupas já que eu uso. Já "tão" vendo as roupas que eu uso. Bom, esse aqui é o meu lado da minha casa. Aqui "fica" eu, meus irmãos... Um lugar bem simples.
SONORA Adilson - Aqui eu faço a minha "seleções" de música, no computador.
SONORA Adilson - Ali tá tudo que eu uso no teatro. Tudo isso aqui eu uso no teatro.
31" - Trilha "O Homem estragou tudo" - Mentas Criativas (grupo participante do Festival de Rap do Evento pela Paz no Grajaú 2009)
SONORA Adilson - Eu tenho vinte e seis anos. De registrado eu nunca trabalhei não. Eu sempre fiz "bico", desde da idade até essa idade que eu tô então fica difícil pra mim.
SONORA Alexandre - Se a gente for pensar a própria carência estrutural que o estado deveria proporcionar a essa população, isso já é uma violência, e talvez seja, ela não só é uma violência como ela é um fator causador dessa violência. Quando você pega tanto a questão, principalmente a questão da exclusão social, né.
SONORA Adilson - Então, quando eu vou para uma entrevista de trabalho e não tenho aquela oportunidade de mostrar que eu tenho talento para fazer alguma coisa, eu fico muito revoltado.
SONORA Alexandre - E daí a importância das associações comunitárias, das entidades do Terceiro Setor, das ONGs ou das próprias iniciativas criativas os moradores têm para que geram essas redes de relações, laços de solidariedade.
SONORA Adilson - Eu falo "caramba, eu vou falar de paz como, se eu tô esperando uma oportunidade, alguém estender a mão e ninguém me estende a mão."
SONORA Alexandre - Acho que é importante destacar que os arranjos criativos que a população tem feito para combater a violência, para combater essa precariedade.
SONORA Vilma - Tem muito, muita organização juvenil na periferia, tem muita organização cultural. Acho que tem muito jovem que vai se conscientizando de direitos.
SONORA Paulo - Então o fazer artístico eu acho que ele não, ele tá diretamente ligado a questão social, ...
...política, porque as coisas, o teatro ele vai servir como uma lente de aumento. Então essa lente de aumento que vai fazer com que a pessoa coloque uma lupa e observe a própria vida sob uma outra perspectiva. Então tudo isso cai numa discussão política, cai numa discussão social que faz o grupo refletir também. E essa reflexão automaticamente vai para cena e quando isso vai para cena passa para mão do outro. E quando vai para mão do outro, ele também sai daqui pensando nessas coisas.
SONORA Vilma - Eu sou muito fã dessa cultura chamada cultura periférica. E eu não sei direito no que vai dar, mas eu quero estar por perto, porque ela me dá muito ânimo.
SONORA Alexandre - A grande contribuição de toda essa movimentação que tem surgido na periferia é mostrar que sim, há criatividade, há invenção, há coisas interessantes nessa periferia, há coisas muito positivas de fato. Não negar que existam as coisas negativas, que existe um transporte público de má qualidade, educação ruim, não negar, mas justamente lutar para transformar isso a partir de um, de uma positividade de fato, desses, dessas pessoas.
SONORA Adilson - O que que eu faço... Às vezes quando eu "tô" com problema eu desconto na performance.

Imagens das sonoras
Imagens das sonoras
Imagens das sonoras
Clíp 3: Sobe Trilha Para o jardim do amor florescer. Imagens: praça no Grajaú, grafite no portão e Pe. Paolo andando.
Imagens das sonoras
GC: Rodrigo de Magalhães Silva ex-morador do Grajaú
Imagens das sonoras
Paolo dentro da igreja + imagens da igreja
Imagens das reuniões de organização do Evento pela Paz + fotos do Centro de Convivência + fotos do Evento (arquivo)
GC: Fernanda Costa da Silva organizadora do Evento pela Paz
GC: Everton Santos Silva organizador do Evento pela Paz
GC: Maria Luiza Rozatti organizadora do Evento pela Paz
GC: Iralde Rosa Baraúna "Dego" organizadora do Evento pela Paz
Clíp 4: Sobe Trilha Para colher sorriso. Imagens: Pré-Evento, Evento pela Paz 2009.
GC: Rodrigo Carnielli Ico ator do grupo P.A.R.E.

Quando você vê uma performance muito exagerada como foi aquela do Evento, pode ter certeza que eu "tava" muito mal.
Eu falo assim para o pessoal: "Eu o personagem da vida real e o ator do faz de conta".
SONORA Alexandre - Essa identidade nacional brasileira que atribuí, os elementos que compõem essa identidade vem do que seria periférico. A própria música, a comida, que é a comida dos escravos, a música dos negros, dos pobres, do morro, então, que é o samba que é eleito a música da identidade nacional. Então o Brasil, o Brasil já é a periferia do mundo e se compõe a partir desses elementos da periferia também.
Trilha - "Para o jardim do amor florescer" (instrumental do grupo Projeto Síntese - participante do Festival de Música do Evento pela Paz no Grajaú 2009)
SONORA Pe. Paolo - Estava aqui nessa calçada ai aconteceu que o cara na rua começou a brigar e dar tiros contra o outro e infelizmente uma das balas atingiu no coração certinho a mãe desses dois jovens que acabou morrendo, falecendo. Então aqui "tá" realmente um daqueles atos de violência que motivaram depois o Evento da Paz que começou dez anos atrás.
SONORA Rodrigo Magalhães - Foi no dia 28 de novembro de 1999. Era um domingo à tarde. Um domingo bonito de sol, tal. Tudo muito tranquilo. E no que eu cheguei no começo da minha rua eu vi um tiroteio. Nós pegamos, voltamos correndo porque tinham pessoas subindo a rua. E eram muitos tiros, muitos, muitos. Quando eu cheguei na porta da minha casa eu vi meu primo chorando. Até então eu achei que de repente fosse algum amigo dele, alguém tivesse se ferido. Nunca imaginei que pudesse ser a minha mãe. E quando eu olhei assim no chão tinha uma pessoa caída. Meu pai veio e me abraçou. Foi aí que ele falou para mim que era minha mãe que tinha tomado um tiro e que ela "tava" caída no chão.
SONORA Pe. Paolo - Então a gente percebeu como a violência atinge também pessoas não envolvidas. Pessoas que não têm nada a ver e que são vítimas depois da violência por causa de terceiros.
SONORA Pe. Paolo - E aqui realmente, no ano de 2000, um jovem "tava" aqui no fundo da igreja. No momento da comunhão, mais ou menos dez para sete, cinco para sete da tarde, aconteceu que alguém de trás, vindo da rua atirou nele três tiros e um atingiu mais ou menos na altura de trás do coração aí ele caiu morrendo aqui mesmo. Então realmente a violência atingiu todos os níveis. Não tem mais nenhum tipo de respeito.
OFF Pe. Paolo - Aí foi a faísca inicial que fez com eu a gente começasse a pensar, pensar realmente o que fazer. Surgiu o Centro de Convivência, que é um grupo de mulheres que atuam em nível de prevenção e surgiu o Evento da Paz que teve uma grande evolução em dez anos e o Evento da Paz que era os jovens como protagonistas tentando reverter essa situação.
SONORA Fernanda - A convivência entre pessoas que têm opiniões assim, diferentes é algo complicado, mas quando você trabalha com algo que você acredita, que é nessa questão da paz mesmo, você tem que respeitar né. Isso é uma coisa que a gente sempre preza dentro do Evento, dentro da organização.
SONORA Eventon - Eu acho que o diálogo nesse momento é o mais importante, sem o diálogo naquele momento, independente se naquele momento você tá muito estressado, você tá com o humor muito alterado, eu acho que você tem que lembrar o porquê você tá aqui no Evento.
SONORA Maria Luiza - A grande questão é que o Evento não é só o dia 23 de maio. Toda aquela preparação desde janeiro, a gente vem preparando essa festa tanto tempo que hoje é como se já tivesse acontecido de tanto que a gente já sonhou com isso. A partir de amanhã é o pensamento do próximo. Como que vai ser o décimo-primeiro.
SONORA Iralde - Mas o Evento não para. Acabou o Evento hoje já começa a falar do ano que vem e lutar por isso né, o ano inteiro.
1'51" - Trilha "Para colher sorriso" - Ordem Própria (grupo participante do Festival de Rap do Evento pela Paz no Grajaú 2009)
SONORA Rodrigo Magalhães - Parece que... É como se um pedaço assim...da minha mãe continuasse caminhando junto com o Evento hoje.
SONORA Rodrigo Carnielli - Eu vejo hoje o Evento como uma forma de expressão bem forte, artística, como social voltada exatamente para essa questão de melhoria das pessoas.

GC: Janaina Soares do grupo "Identidade Oculta"	atriz
GC: Rodolfo Carnielli Ico do grupo Jesvida	vocalista
GC: Agata Pamela Silva do grupo Street Mix	dançarina
GC: Fernanda Costa da Silva organizadora do Evento pela Paz	
GC: Tony Moreno da banda Projeto Síntese	vocalista
GC: Wagner Ferreira "Bandoguy" rapper do Mentis Criativas	
Imagens das sonoras	
GC: Julio Machado da banda Projeto Síntese	violonista
GC: Luciana Magalhães Carvalho vocalista da banda Só em Ti Viver	
GC: Daniel Pires rapper do Ordem Própria	
Imagens das sonoras	
Imagens das sonoras	
Imagens das sonoras	
Imagens das sonoras	
Imagens das sonoras	
Imagens das sonoras	
Imagens das sonoras	
Imagem Adilson indo embora	
Sobe Trilha "Paz 10 vezes mais". Imagem Adilson indo embora	
LOGO Periferia em Movimento	
Imagens da sonora + GC Créditos	

SONORA Janaina - O interessante do Evento é que ele começa um pouco antes. Tem todo um processo de construção, de divulgação e isso já vai mexendo com você.
SONORA Rodolfo - Não mostra o silêncio da sociedade perante a violência. Mostra uma manifestação em conjunto, em massa. Isso realmente faz uma diferença.
SONORA Agata Pamela - Antes do Evento começar o índice de violência era <u>muita maior, muito maior realmente.</u>
SONORA Fernanda - Tenho um orgulho muito grande de fazer parte de um Evento como esse que realmente mostra o quanto os jovens do Grajaú, eles acreditam nessa paz, acreditam que unidos a gente consegue fazer muita coisa boa.
SONORA Tony - Nesses dez anos, dizer que mudou completamente, não. Mas que contribui, isso com certeza contribui. Porque muitas pessoas abraçam a ideia e realmente transmitem a paz.
SONORA Wagner - O pessoal tem que, não só nesse dia do Evento tá falando de paz né. Isso aí tem que "tá" sempre frequentemente falando sobre isso aí né meu. E eu acho que esse tipo de evento precisa muito mais do que só esse Evento no Grajaú. Esse aqui é o único ainda que é de ano em ano, tal, mas precisa de muito mais.
SONORA Adilson - Faz um evento, junta toda aquela galera, tal. Junta toda aquela turma falando de paz, mas no dia a dia não acontece. Isso que me deixa com raiva.
SONORA Julio - Se cada um plantasse uma sementinha, por mais pequena que seja, uma mínima ação, né, se somasse à outras, de repente, talvez teríamos um efeito melhor, um resultado mais satisfatório.
SONORA Luciana - A gente pode tentar acreditar que o nosso bairro não é feito apenas de pessoas que causam violência. Que todos nós temos responsabilidade de mudar realmente nossa realidade.
SONORA Daniel - Eu acho que é importante a nível nacional, a nível nacional. Não só para o Grajaú, para a Zona Sul, no caso, mas acho eu pra todos os lugares, porque acho que daqui pode minar várias ideias.
SONORA Adilson - Vai, se faz um evento bacana toda uma estrutura, tal. Vai lá todo mundo falando de paz. Passa uma semana você encontra as mesmas pessoas. Sempre tá acontecendo alguma discussão, no ônibus. No dia a dia, discutindo em casa, com a família.
SONORA Vilma - A proposta das ONGs é principalmente desenvolver um trabalho exemplar. Mostrar que dá certo. Só que dá certo da seguinte maneira: isso tem que virar uma política pública para que todo mundo tenha acesso.
SONORA Maria Luiza - E as pessoas pensam em fazer os movimentos, todos para chamar a atenção do centro. Não, pelo contrário, vamos fazer aqui em casa o nosso Evento. Porque aqui que tá precisando da paz, as pessoas daqui que precisam ser mobilizadas. Talvez daqui dez, vinte anos, a gente consiga ter um Evento tão grande que chame a cidade toda. Mas será que é preciso chamar a cidade toda?
SONORA Vilma - Você tem que ir atrás. Eles são movimentos relativamente invisíveis, mas que são fortes né.
SONORA Alexandre - Esses grupos que passam a mobilizar, se mobilizar a partir de uma perspectiva cultural, ou seja, uma perspectiva do modo que nós vivemos, "o modo que nós vivemos também é um modo interessante, criativo. É um modo que pode ser transformador, que pode trazer coisas positivas". Acho que aí abre-se um caminho para se pensar questões de transformação.
SONORA Adilson - Olha, o Evento me trouxe, também me fez mudar um pouco dos meus pensamentos, né... Meu amigo... Fez eu mudar um pouco dos meus pensamentos que eu tinha antigamente né.
OFF Adilson - Antigamente eu, pra mim, vou participar do Evento da Paz, vou ganhar um dinheiro né. Para mim no começo foi isso, eu só queria participar para ganhar um dinheiro. Só que agora eu mudei meu ponto de vista. Eu tinha um pensamento equivocado desse negócio de paz. Para mim era só uma palavra e nada mais. Era para mim um simples gesto de colocar uma camiseta e falar de paz. Mudei, eu mudei, eu considero que eu mudei. Eu sou mais alegre, vai. Apesar dos "problemas" a gente leva a vida na brincadeira porque fica muito mais gostoso de levar.
Trilha "Paz 10 vezes mais" - Náuticos (participantes do Festival de Música do Evento pela Paz no Grajaú 2009)

Imagens da sonora + GC Créditos finais

SONORA Paolo - No começo paz era simplesmente é... Ausência de violência, de mortes. Agora, depois percebemos que a paz é muito mais ampla.
SONORA Paulo - Em ceder um lugar no ônibus, em exercer a sua cidadania.
SONORA Irene - É ser muito feliz, é estar feliz.
SONORA Lucivânia - Você estar de bem com você e sempre estar de bem com o seu próximo, que o seu próximo é a sua base.
SONORA Agata Pamela - É procurar estender a mão independente da situação que ela se encontra.
SONORA Daniel - Mas a paz é mundo inteiro né.
SONORA Leonardo - Se você tem Deus no Coração, na sua vida, pode ter certeza que vocês vão ter paz.
SONORA Adriano - Olha sua criança, sua mãe, entendeu. Viver a poesia da vida né meu.
SONORA Maria Luiza - Paz é atitude. Não de não ter guerra, mas sim de fazer um mundo melhor a cada dia.
SONORA Rodolfo - É uma tentativa de buscar uma certa utopia. Uma sociedade ideal para todos.
SONORA Janaina - Mas se você quiser também entrar na violência, entrar no mundo das drogas, você consegue entrar. No nosso bairro tem de tudo, você que escolhe o caminho que você quer.
SONORA Fernanda - No meu dia a dia, coisas que eu faço para que a paz realmente aconteça é respeitar as pessoas que é o primeiro passo.
SONORA Josiane - Em qualquer situação devemos sempre pregar a paz e a minha bandeira é a paz.